

Tradução e Jornalismo: Uma Concepção da Prática
Tradutória Como Reescrita do Texto de Partida

Joana Filipa Amaro Dos Santos Ferreira

Dissertação de Mestrado em Tradução
Área de Especialização em Inglês

Setembro 2013

Tradução e Jornalismo: Uma Concepção da Prática
Tradutória Como Reescrita do Texto de Partida

Joana Filipa Amaro Dos Santos Ferreira

Dissertação de Mestrado em Tradução
Área de Especialização em Inglês

Setembro 2013

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Tradução – Área de Especialização em Inglês, realizada sob a orientação científica da Prof.^a Doutora Iolanda Ramos e da Mestre Susana Valdez Sengo.

Agradecimentos

Findo este percurso, é com enorme apreço que o meu primeiro agradecimento é dedicado aos meus pais, por todos os sacrifícios que têm vindo a fazer para que esta etapa da minha vida se tornasse possível.

Agradeço à Professora Iolanda Ramos pela motivação e entusiasmo que demonstrou desde início pelas minhas ideias e convicções.

Agradeço à Professora Susana Valdez por todo o apoio e paciência, por toda a compreensão e dedicação.

Não posso deixar de agradecer ao meu avô Gil, que por via do Dr. Miguel Almeida, tornou possível a concretização deste projecto e ao meu avô Tonito, que mesmo não estando presente, me fez sentir a sua força e me revigorou a alma nos momentos mais difíceis.

Agradeço ao *Diário de Notícias*, em especial à Dra. Helena Tecedeiro e a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, me albergaram com toda a hospitalidade neste jornal.

Agradeço a todos os meus familiares, ao meu namorado e a todos os amigos que, consciente ou inconscientemente, me incentivaram a levar este projecto até ao fim.

Tradução e Jornalismo: Uma Concepção da Prática Tradutória como Reescrita do Texto de Partida

Joana Filipa Amaro Dos Santos Ferreira

Resumo

Dado que esta é uma área de estudo pouco investigada e pouco desenvolvida sob a perspectiva dos Estudos de Tradução, a dissertação aqui apresentada tem como objectivo principal analisar o processo de tradução no contexto da imprensa portuguesa. Através dessa análise pretende-se levantar hipóteses de estudo sobre a tradução do texto jornalístico, especificamente no *Diário de Notícias*, e quais os condicionalismos deste tipo de tradução.

Para tal, foi seleccionado um corpus constituído por textos jornalísticos traduzidos no suplemento semanal do *Diário de Notícias – Notícias Magazine*, num período temporal de 10 anos. A dissertação procura, assim, responder à questão principal de o trabalho jornalístico poder ser considerado uma tradução interlinguística (Jakobson 1959) ou antes uma reescrita (Lefevere 1992).

PALAVRAS-CHAVE: tradução, tradução do texto jornalístico, reescrita, jornalismo, *Diário de Notícias*.

Translation and Journalism: An Approach of Translation Practice as a Rewriting of the Source Text

Joana Filipa Amaro Dos Santos Ferreira

Abstract

Given that this is an area of study that lacks research and is little developed from a Translation Studies perspective, the dissertation here presented has as its main goal to analyze the translation process in the context of the Portuguese press. That analysis intends to raise research hypotheses about news translation, namely in the *Diário de Notícias*, and its constraints.

To this end, a *corpus* made of news translated for weekly supplement *Diário de Notícias – Notícias Magazine*, over a period of 10 years, was selected. The dissertation thus aims to answer to the main question: is news translation an interlingual translation (Jakobson 1959) or a rewriting (Lefevere 1992).

KEYWORDS: Translation, news translation, rewriting, journalism, *Diário de Notícias*.

Índice

Lista de siglas utilizadas.....	1
Índice de ilustrações.....	2
Introdução	5
1. A tradução em geral e a tradução do texto jornalístico em particular.....	8
1.1. Tradução: uma disciplina entre disciplinas	8
1.2. Definições de tradução	10
1.2.1. A tradução como uma actividade entre línguas.....	11
1.2.2. A tradução como uma actividade textual	11
1.2.3. A tradução como um acto comunicativo	11
1.2.4. A tradução como um processo.....	12
1.2.5. Três características fundamentais da tradução	12
1.3. Características da tradução do texto jornalístico.....	14
1.4. A tradução no sistema de chegada	16
1.4.1. A teoria polissistémica de Itamar Even-Zohar	16
1.4.2. A cultura de chegada e as normas de Gideon Toury.....	17
1.4.3. A reescrita de André Lefevere.....	19
1.5. O modelo de Lefevere aplicado ao jornalismo	23
1.5.1. Poética, ideologia e jornalismo	23
1.5.2. Mecenato e jornalismo	25
2. A tradução na imprensa portuguesa	29
2.1. Definição e descrição do <i>corpus</i>	29
2.1.1. Delimitação do <i>corpus</i>	31
2.2. Tipologia de <i>corpora</i>	32
2.3. Classificação do <i>corpus</i>	34
2.4. Categorias de análise	34
2.5. Apresentação de dados.....	35
2.6. Análise de dados	37
2.6.1. Categoria de análise 1).....	37
2.6.2. Categoria de análise 2).....	39
Conclusão.....	49

Referências bibliográficas	56
Anexo A.....	i
Anexo B.....	iii
Anexo C.....	xiii
Anexo D	xv
Anexo E	xvii
Anexo F	xxiii

Lista de siglas utilizadas

ET – Estudos de Tradução

TP – Texto de Partida

TC – Texto de Chegada

DN – *Diário de Notícias*

NM – *Notícias Magazine*

NTR-NM – *Corpus* de Notícias Traduzidas da Revista *Notícias Magazine*

Índice de ilustrações

Figura 1 - Mapa proposto por Holmes (1972: 71 - 78).....	8
Figura 2 - Factores de controlo do sistema literário, modelo proposto por Lefevere (1992: 11-25)	20
Figura 3 - Publicações semanais portuguesas com maior número de leitores (Fonte: <i>Marktest/Media Monitor - Bareme Imprensa 2ª Vaga 2012</i> representado no site <i>controlinveste.pt</i>).....	30
Figura 4 - Relação percentual de revistas NM com notícias traduzidas vs. revistas NM sem notícias traduzidas de 2002 a 2012	38
Figura 5 - Relação percentual de notícias traduzidas na revista NM com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas na revista NM sem assinatura do tradutor de 2002 a 2012	40
Figura 6 - Relação percentual de notícias traduzidas na revista NM com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas na revista NM sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas da revista NM com a tradução assinada pela revista.....	41
Tabela 1 - Tipologia textual segundo Bernardo (2013: 77 - 86).....	31
Tabela 2 - Nº total de revistas <i>Notícias Magazine</i> consultadas para delimitação do <i>corpus</i>	32
Tabela 3 - Relação de revistas NM com notícias traduzidas vs. revistas NM sem notícias traduzidas de 2002 a 2012	36
Tabela 4 - Relação de revistas NM com assinatura do tradutor vs. revistas NM sem assinatura do tradutor.....	36
Tabela 5 - Relação de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM	37

Tabela 6 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2002	iv
Tabela 7 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2003	v
Tabela 8 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2004	vi
Tabela 9 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2005	vii
Tabela 10 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2006	ix
Tabela 11 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2007	x
Tabela 12 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2008	xi
Tabela 13 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2009	xi
Tabela 14 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2010	xi

Tabela 15 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2011 xii

Tabela 16 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2012 xii

Introdução

A posição da tradução no contexto jornalístico ainda não é um objecto de estudo explícito e só ganhou relevância em 2006 com o projecto desenvolvido na Universidade de Warwick, “Translation in Global News”, levado a cabo por Kyle Conway e Susan Bassnett, segundo Van Doorslaer (2010). De facto, no âmbito do Mestrado em Tradução, área de especialização em Inglês, ficou patente a escassez de investigação e de estudos levados a cabo em Portugal sobre a tradução do texto jornalístico. Ainda, ao consultar-se as unidades curriculares das várias universidades em Portugal, constatou-se que nenhuma delas apresenta uma disciplina específica direccionada à tradução do texto jornalístico, embora existam disciplinas mais gerais que englobam toda a tradução pragmática e toda a tradução técnica, por exemplo.

Assim, este trabalho propõe uma abordagem ao processo de tradução no meio jornalístico, dando especial relevo à problemática que questiona se tais métodos de processamento e de análise de texto podem ser considerados uma tradução interlinguística (Jakobson 1959), ou seja, uma tradução propriamente dita, ou antes um tipo de reescrita (Lefevere 1992).

Para levar a cabo este estudo, numa primeira análise, pretendia-se conceber um *corpus* de um conjunto de textos de textos bilingues, seleccionados do *site* da *Euronews*. No entanto, ao dar início à pesquisa e no seguimento de uma entrevista realizada a um jornalista veterano da *Euronews*, Fernando Peneda, veio-se a concluir que, ao contrário do que seria expectável, os artigos presentes no *site* não eram artigos traduzidos. A *Euronews* trabalha com 13 línguas e cada equipa é formada por um jornalista de cada língua, que elabora a notícia na sua nativa. Ora esta realidade impediu a elaboração do *corpus*, uma vez que se pretendia fazer uma análise comparativa entre o texto de partida em inglês e o texto de chegada em português. Neste contexto, a tradução é vista como uma ferramenta e só existe neste meio de comunicação porque o jornalista consulta os telexes vindos das agências noticiosas e o grosso da informação chega em inglês e em francês.

Posta esta hipótese de lado, contactaram-se meios de comunicação de imprensa generalista e de referência, como o *Público* e o *Diário de Notícias*. O *Público*,

apesar de alguma receptividade inicial ao projecto que foi apresentado, acabou por se mostrar indisponível para a sua realização. Em contrapartida, depois de várias tentativas, o *Diário de Notícias* acabou por mostrar vontade em colaborar nesta investigação e a estada da autora deste estudo na redacção acabou por ser feita em duas fases.

Numa primeira fase, e mais uma vez com vista à elaboração do *corpus*, pretendia-se fazer uma análise comparativa entre os textos de partida em inglês, vindos das agências noticiosas, com os textos de chegada em português, elaborados pelos jornalistas. No entanto, ao contrário do que se esperava, a maioria desses textos de partida chegam ao *Diário de Notícias* em francês ou em português e raramente em inglês, porque este órgão de comunicação só trabalha com a AFP – Agence France Press e com a Lusa. Num mundo dominado pela anglofonia, acabou-se por concluir que este periódico assenta numa base francófona, que não supria as necessidades do estudo em questão. Ainda que não tenha servido para elaboração do *corpus*, esta experiência na redacção suscitou a hipótese de que existem duas vertentes da tradução do texto jornalístico em Portugal, como é explicado no último capítulo da presente dissertação.

Numa segunda fase, já que as ideias anteriores para elaboração do *corpus* foram inviabilizadas, foi possível ter acesso ao arquivo do *Diário de Notícias* e optou-se pela elaboração de um *corpus* monolingue, constituído por textos jornalísticos traduzidos no suplemento semanal do *Diário de Notícias* – *Notícias Magazine*, num período de tempo de 10 anos. Estes textos jornalísticos traduzidos têm uma particularidade: são artigos que o DN compra a meios de comunicação estrangeiros e que são adjudicados a agências de tradução ou a tradutores *freelancer*. A análise deste *corpus* é feita em dois momentos: em primeiro lugar, procurou-se perceber qual o lugar que a tradução ocupa no contexto jornalístico, ou seja, dar conta da sua importância ao determinar diacronicamente o fluxo de traduções existentes neste suplemento; em segundo lugar, perceber o lugar que o tradutor ocupa, atentando à sua invisibilidade e às razões que a sustentam.

Depois de analisado o *corpus*, achou-se pertinente comparar o tipo de tradução que os textos do *corpus* apresentam com o tipo de tradução levada a cabo pelos

jornalistas, informação obtida como fruto da experiência em redacção, que visava a segunda hipótese de elaboração do *corpus*.

Assim, este trabalho procura abrir caminho para as seguintes questões: será que, em Portugal, especificamente no caso do *Diário de Notícias*, a tradução do texto jornalístico se aproxima mais à tradução interlinguística (Jakobson 1959) ou de um conceito de reescrita (Lefevere 1992)? Será que o mérito do tradutor é reconhecido ou também se está perante a problemática da invisibilidade do mesmo?

A motivação para levar a cabo esta análise surgiu sobretudo da formação base da autora do presente trabalho. Licenciada em Jornalismo e a frequentar o Mestrado em Tradução, a vontade de encontrar a resposta para as questões supra levantadas foram o mote para seguir este rumo. Para além disso, a motivação foi reforçada pela constatação, como foi referido, de que esta é uma área pouco explorada em Portugal e também pouco desenvolvida nos Estudos de Tradução.

Para cumprir os objectivos propostos, este trabalho divide-se em duas partes. O primeiro capítulo da dissertação incide sobre a leitura crítica de bibliografia, que aborda os Estudos de Tradução como uma disciplina e a tradução como uma competência assente em três características fundamentais. Para além disso, pretende-se contextualizar a tradução do texto jornalístico atentando, também, às suas características. Ademais, esta primeira parte não só dá conta da importância que a tradução adquire no contexto de chegada, o que constitui um aspecto fundamental da tradução em geral e da tradução do texto jornalístico em particular, como aplica o modelo de Lefevere (1992) ao jornalismo.

O segundo capítulo, através da análise de um *corpus* e da experiência na redacção do *Diário de Notícias*, aborda a temática da tradução na imprensa portuguesa. Nesta parte, dedicada à realidade portuguesa, pretende-se dar respostas às questões que inicialmente foram levantadas e deixar em aberto um caminho para uma posterior investigação mais aprofundada acerca deste interface entre tradução e jornalismo, ainda tão pouco explorado e criticamente investigado.

1. A tradução em geral e a tradução do texto jornalístico em particular

No presente capítulo pretende-se proceder ao enquadramento teórico dos Estudos de Tradução como uma disciplina entre disciplinas e da tradução do texto jornalístico como uma disciplina dos Estudos de Tradução.

1.1. Tradução: uma disciplina entre disciplinas

Na década de 70, o mundo académico assistiu ao nascimento de uma nova disciplina preocupada com a complexidade dos problemas subjacentes ao fenómeno da tradução e das traduções. Essa disciplina é denominada de Estudos de Tradução (ET) graças à contribuição do teórico James S. Holmes. Em 1972, no Terceiro Congresso Internacional de Linguística Aplicada em Copenhaga, Holmes, convicto da necessidade de emergência da disciplina como uma ciência empírica, apresentou um artigo, que viria a ser considerado o fundador dos Estudos de Tradução. Para este autor, os ET têm duas funções principais: em primeiro lugar, descrever o fenómeno da tradução e das traduções, em segundo lugar, estabelecer os princípios gerais que explicam esses dois fenómenos. É desta forma que o artigo de Holmes (1972) apresenta um esquema de divisão dos ET representado na figura seguinte.

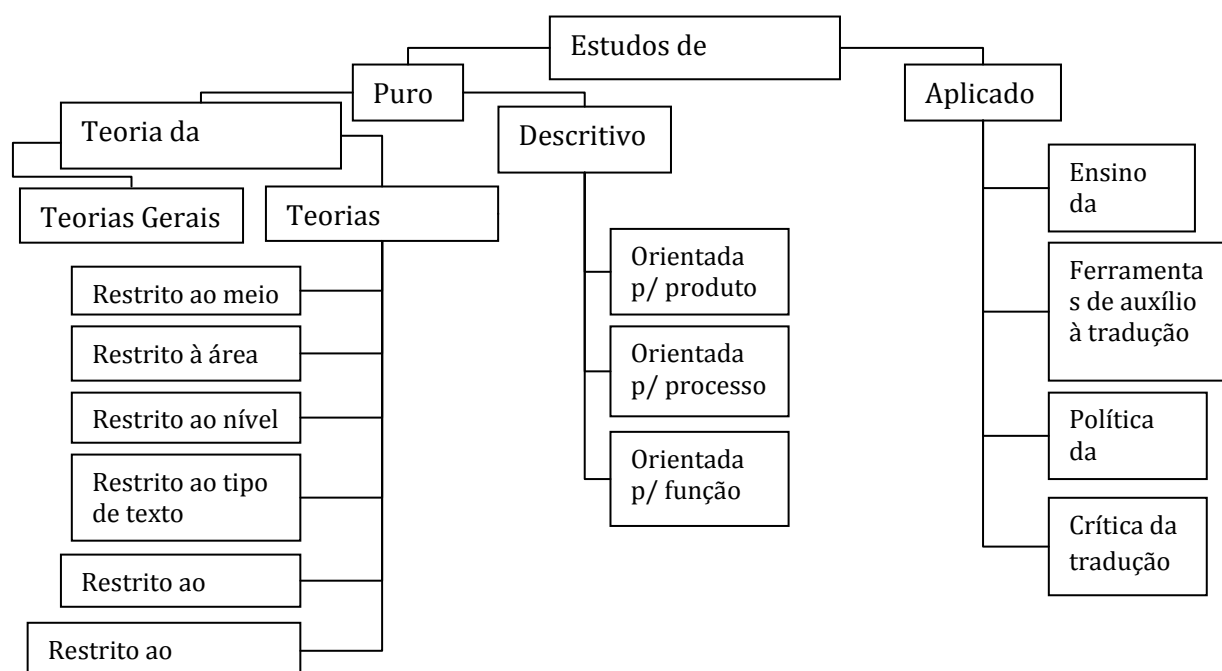


Figura 1 - Mapa proposto por Holmes (1972: 71 - 78)

Holmes (1972), como se verifica na Figura 1, estabelece uma divisão entre os Estudos de Tradução Puros e os Estudos de Tradução Aplicados. Os primeiros subdividem-se em dois ramos: em primeiro lugar, a Teoria da Tradução, subdividida em Teorias Gerais e Teorias Parciais, cujo objecto de estudo se prende com os princípios, as teorias e os modelos que facilitam a previsão do fenómeno da tradução e das traduções; em segundo lugar, os Estudos Descritivos de Tradução, que mantêm uma relação mais próxima com o fenómeno empírico, e que estão subdivididos em três áreas, pressupondo uma análise orientada para:

- 1) O produto, que remete para a análise de traduções já existentes (ex: uma análise entre um TP e um TC, ou uma análise comparativa entre vários textos de chegada do mesmo TP);
- 2) O processo, que vai de encontro à psicologia da tradução, ou seja a um processo cognitivo, àquilo que vai na mente do tradutor;
- 3) A função, que implica a descrição da função das traduções no contexto sociocultural de chegada.

Já os segundos, Estudos de Tradução Aplicados, dividem-se em quatro áreas de enfoque: o ensino da tradução, as ferramentas de auxílio à tradução, a política da tradução e, por fim, a sua crítica.

Com o despertar do interesse por este fenómeno da tradução e dada a diversidade de tendências e ângulos de investigação, Bassnett (1980) salienta que o consenso nos Estudos de Tradução desapareceu nos anos 90. Com efeito, foram muitas as abordagens que se começaram a desenvolver. Corroborando a última afirmação, Chesterman (1997) utiliza a metáfora *mema* para se referir ao vasto leque de distintas ideias que se foram difundindo pela Teoria da Tradução. Para este autor um *mema* é uma unidade de transmissão cultural e o conjunto desses *memas* permanece numa piscina, o que quer dizer que não há uma linha única de actuação e coexistem hipóteses e teorias que não se anulam entre si.

Essa multiplicidade de abordagens que foi surgindo ao longo dos anos, como refere Baker (2009), deve-se à ampla variedade de disciplinas, desde a linguística à

psicologia ou aos estudos culturais, que foram contribuindo para os Estudos de Tradução e que foram, igualmente, fulcrais para o enriquecimento e promoção do debate dentro da própria disciplina.

1.2. Definições de tradução

Antes de se passar à enumeração das várias definições de tradução, importa caracterizar esta actividade de uma maneira geral. A tradução, tida como uma competência, é mais do que um saber, é um saber-fazer que recorre ao processo tradutório e que procura solucionar problemas que ocorrem durante esse processo (Hurtado Albir 2001). Importa, de igual forma, distinguir os três tipos de tradução propostos por Jakobson (1959):

- 1) Intralinguística: uma reformulação ou interpretação de signos verbais por meio de signos da mesma língua;
- 2) Interlinguística: a tradução propriamente dita ou interpretação de signos verbais por meio de uma outra língua;
- 3) Intersemiótica: uma transmutação ou interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

Para Jakobson (1959), o tradutor recodifica mensagens em vez de unidades linguísticas e, não só transmite a mensagem como também a transforma. Assim, mais do que uma interpretação, a tradução é um processo de recodificação, ou seja, uma reformulação activa.

Como se verificou no ponto 1.1. deste capítulo, são várias as abordagens presentes nos ET que foram surgindo desde os anos 70. Para as compreender melhor, propõe-se, com base em Hurtado Albir (2001: 37-41), uma enumeração das várias definições de tradução por categorias de enfoque.

1.2.1. A tradução como uma actividade entre línguas

A partir de uma abordagem linguística para o estudo da tradução, Vinay e Dalbernet (1958) consideram exclusivamente elementos linguísticos, sendo que traduzir é replicar a realidade da língua A na língua B. Nesta perspectiva linguística, e segundo Chesterman (1997), a língua é tida como um signo matemático, o que significa que por meio de adições e subtracções, um elemento pode ser reduzido ao mesmo valor.

1.2.2. A tradução como uma actividade textual

À medida que se vai aprofundando a investigação, esta abordagem puramente linguística da tradução começa a ser questionada. Catford (1965), por exemplo, defende o carácter textual da tradução, mas a sua análise também parte do plano linguístico, uma vez que a tradução significa a substituição do material textual de uma língua por material textual equivalente noutra língua. Para Seleskovitch (1984), é o sentido que se traduz. Nesta perspectiva, traduzir significa transmitir o sentido da mensagem em vez de converter um texto de uma língua para a outra. A tradução é vista como um acto comunicativo em detrimento de um acto linguístico. Na mesma senda, House (1977) reivindica o carácter textual da tradução, porque traduzir é a substituição de um texto na língua de partida por um texto semântica e pragmaticamente equivalente na língua de chegada.

1.2.3. A tradução como um acto comunicativo

Quando se encara a tradução como um acto comunicativo, enfatiza-se a influência do contexto sociocultural e a finalidade da tradução. Para Nida e Taber (1969) traduzir consiste na reprodução da mensagem da LP na LC, mediante uma equivalência natural e exacta. Por sua vez, Hatim e Mason (1990) caracterizam a tradução como um processo comunicativo que ocorre num determinado contexto social. Também a considerar a tradução como uma prática comunicativa, surge Hermans (1991), para quem traduzir é um comportamento social. Já para Toury (1980), a tradução é um acto intrassistémico de comunicação. Em *Descriptive*

Translation Studies, o autor define as traduções como: “facts of target cultures; on occasion facts of a special status, sometimes even constituting identifiable (sub)systems of their own, but of the target culture in any event” (1995:29). A incidir na premissa que vê a tradução como um acto transcultural, destaca-se Snell Hornby (1988), acompanhada de Hewson e Martin (1991) que definem a tradução como uma equação cultural e o tradutor como um operador cultural. Para Reiss e Vermeer (1996), o que importa é a finalidade da translação, ao passo que para Nord (1991), a tradução é um acto comunicativo cujo critério de maior importância é a sua função.

1.2.4. A tradução como um processo

Para além das definições supramencionadas, existem vários teóricos preocupados com o próprio processo tradutório. É o caso de Lederer (1984), para quem o processo de tradução vai além de uma comparação entre línguas. Mais do que uma comparação, traduzir implica processos de compreensão e de expressão dentro da comunicação monolíngue. Esses processos, corrobora Steiner (1975), são processos que implicam transformações interpretativas, ou seja, hermenêuticas entre a LP e a LC. O tradutor deve assumir o papel de mediador entre as duas línguas e, conseqüentemente, entre as duas culturas. Dentro desta abordagem que vê a tradução como um processo, Delisle (1980) dá prioridade à intenção do emissor do texto de partida e concebe a tradução como uma operação que consiste em determinar a significação dos signos linguísticos de uma dada língua em função da intenção da mensagem, que é restituída com signos de outra língua.

1.2.5. Três características fundamentais da tradução

Apesar de haver uma enorme diversidade de definições de tradução, que espelham a sua complexidade, estas permitem identificar os três pressupostos que melhor caracterizam o processo tradutório. Ao fim ao cabo, segundo a proposta de Hurtado Albir (2001), não se pode avançar com uma definição de tradução sem considerar que esta pressupõe uma operação textual, um acto comunicativo e uma actividade cognitiva:

De ahí que propongamos definir la traducción como *un proceso interpretativo y comunicativo consistente en la reformulación de un texto con los medios de otra lengua que se desarrolla en un contexto social y con una finalidad determinada*. (2001: 41)

Assim, de acordo com Hurtado Albir (2001), em primeiro lugar, a tradução é caracterizada por uma operação textual remetida a uma actividade entre textos, em segundo lugar, por um acto comunicativo que pressupõe uma finalidade comunicativa que ultrapassa as barreiras das diferenças linguísticas e culturais e, finalmente, em terceiro lugar, caracteriza-se por uma actividade cognitiva, ou seja, um processo mental levado a cabo pelo tradutor para compreender o sentido do texto.

Em suma, a tradução existe porque existem diferenças linguísticas e culturais sendo que a sua razão de ser é, conseqüentemente, essa diversidade linguística e cultural. Além disso, tem uma função comunicativa, ou seja, esta é o motor para ultrapassar a barreira das dificuldades comunicativas que pressupõem uma relação linguística. E, por fim, o tradutor é considerado um mediador linguístico e cultural porque a tradução é dirigida a uma entidade que não conhece a língua e/ou a cultura do contexto de partida.

Se a tradução for observada de uma perspectiva comunicativa, o receptor na forma do contexto sociocultural em geral, ou do indivíduo em particular, ganha um papel fundamental na hora de a produzir. É por isso que, segundo Bassnett (1980), apesar da diversidade de métodos e abordagens, um dos pontos comuns da investigação nos ET se prende com a ênfase atribuída aos aspectos culturais da tradução, quer dizer, ao contexto cultural onde ela ocorre. De facto, é possível concordar que, no desenrolar das várias teorias, muitos autores culminam num ponto comum: a indissociável importância que o contexto de chegada adquire no processo da tradução. Concluindo:

Translation Studies today is no longer concerned with examining whether a translation has been “faithful” to a source text. Instead, the focus is on social, cultural and communicative practices, on the cultural and ideological significance of translating and of translations, on the external politics of translation, on the relationship between translation behaviour and socio-cultural factors. (Bassnett e Shäffner 2010: 12)

1.3. Características da tradução do texto jornalístico

Providing a definition of press translation is not simple at all, even if one wants to limit the field to that of interlinguistic translation. From a general point of view in newspapers there is a great variety of rewritings (Lefevere: 1992) that can be considered connected to press translation: the editing of press releases written in a different language (whether extensive or moderate), the translation of articles or reportages signed by big names in journalism or left anonymous, the summarizing of the topics of one or more texts from foreign sources embedded in articles that were directly produced in the target language, etcetera. (Bani 2006: 35)

Como se pode constatar na citação em epígrafe, definir tradução do texto jornalístico não é uma tarefa fácil.¹ Bani (2006) refere que, de uma maneira geral, nos periódicos existem muitas reescritas (Lefevere 1992) como a edição de *press releases* que chegam às redacções numa língua estrangeira, a tradução de artigos ou reportagens assinadas ou não por jornalistas de renome, ou o resumo de um ou mais textos provenientes de fontes estrangeiras que são inseridos em artigos directamente produzidos na língua de chegada. Para Gambier (2006), a tradução do texto jornalístico não implica apenas uma transferência interlinguística linear de um texto de partida para um texto de chegada. Antes pelo contrário, é um tipo de tradução que necessita de recorrer à reescrita e ao resumo desse TP para o adaptar ao novo contexto, onde as expectativas da nova audiência são completamente diferentes.

Para além disso, na tradução do texto jornalístico existem grandes constrangimentos relacionados com o espaço (número de palavras, a posição do texto numa determinada página e a localização dessa página no jornal como um todo) e com o tempo. Segundo Bani (2006), este constrangimento temporal implica duas coisas. Por um lado, pressupõe a rapidez da tradução: as traduções devem ser processadas num curto espaço de tempo. Nos diários, por exemplo, deve ser feita num espaço de

¹ A propósito da definição de tradução do texto jornalístico confronte-se com o que Santos (2012) designa como tradução jornalística.

algumas horas, e os *deadlines* dos semanários e mensais também são apertados e rígidos. No jornalismo o tempo urge e não há espaço para repensar a tradução. Por outro lado, pressupõe a rapidez com que a tradução é lida. Isto porque a leitura de jornais é uma actividade normalmente rápida, em busca de uma compreensão imediata e, ao contrário da leitura de outros géneros, não deverá requerer uma nova leitura. Por conseguinte, de acordo com Bassnett e Bielsa: “It could be argued that the main objective of news translation is the fast transmission of information in a clear way so that it can be communicated effectively to readers” (2009: 63). Ou seja, o objectivo principal da tradução do texto jornalístico é a rápida transmissão de informação fidedigna e, desta forma, com base nas duas autoras, enumeram-se as características mais visíveis que distinguem este tipo de tradução dos demais:

- 1) O objectivo principal da tradução de notícias é transmitir informação;
- 2) A tradução do texto jornalístico é dirigida a uma audiência de massas, o que pressupõe a utilização de linguagem clara, concisa e directa;
- 3) A tradução de notícias ocorre num determinado contexto geográfico, temporal e cultural;
- 4) A tradução do texto jornalístico está sujeita a várias limitações temporais e espaciais.

A estas características pode-se acrescentar a versatilidade permitida ao jornalista/tradutor para trabalhar numa imensa variedade de áreas, desde o desporto à economia, da política à cultura. Consequentemente, os textos são reescritos de forma a serem adaptados ao novo contexto comunicativo, o que resulta numa enorme mudança estrutural do texto de partida. É aqui que também surge uma diferença fulcral que se prende com questão dos direitos de autor já que, segundo Bassnett e Bielsa (2009), a sacralidade do texto original é um produto que se restringe ao campo literário e não conhece nenhuma forma equivalente na tradução do texto jornalístico.

1.4. A tradução no sistema de chegada

A dimensão cultural da tradução ganhou uma relevância significativa com as contribuições do Projecto de Investigação Específica sobre Tradução Literária da Universidade de Göttingen (Bernardo 2009). Este grupo de teóricos, ao desenvolver uma pesquisa orientada para o *transfer* distanciou-se das ideias que circulavam no espectro da *Manipulation School*, que conjecturava uma pesquisa orientada para o alvo (Bernardo 2009). Com efeito, a *Manipulation School* representa uma abordagem que encara a tradução como manipulação, mais precisamente, como uma reescrita de textos destinados a um público específico no sistema de chegada, em conformidade com as normas da língua de chegada e sob vários constrangimentos (Ducate 2009).

1.4.1. A teoria polissistémica de Itamar Even-Zohar

Os anos 70 e 80 viram o emergir de uma abordagem que teve origem na literatura comparada do Formalismo Russo, que defende a cultura e a literatura como sistemas. “Influenciado pela semiótica, pela poética, pela sociologia, pelos *cultural studies*, mas sobretudo pelo Formalismo Russo dos anos 20” (Bernardo 2009: 595), Even-Zohar (1990) propõe uma teoria polissistémica para analisar o campo literário. Para este autor, a literatura traduzida apresenta-se como um sistema completo e activo dentro do polissistema literário. Por sua vez, o núcleo do polissistema corresponde, por norma, ao “repertório canonizado mais prestigiado” (Valdez 2009: 69) e a literatura traduzida ocupa um lugar periférico, sendo que a tradução presta um papel fundamental para a solidificação das culturas nacionais.

Desta forma, Even-Zohar enfatiza o factor diacrónico dos sistemas e considera-os heterogéneos e dinâmicos:

[It] is necessarily a polysystem – a multiple system, a system of various systems which intersect with each other and partly overlap, using concurrently different options, yet functioning as a one structured whole, whose members are interdependent”. (Even-Zohar 1990: 11)

Assim, a abordagem de Even-Zohar (1990) pressupõe que o texto não funciona somente como tal, mas existe enquanto intrinsecamente relacionado com outros

elementos que, igualmente fazendo parte do sistema, definem o seu funcionamento e o seu significado.

Para além disso, apesar de pertencer ao grupo que desenvolve uma pesquisa orientada para o alvo, a teoria polissistémica também procura dar resposta a questões relacionadas com o *transfer*, nomeadamente, com o modo como este se processa e aos condicionalismos a que está sujeito (Bernardo 2009).

1.4.2. A cultura de chegada e as normas de Gideon Toury

Translations are facts of target cultures; on occasion facts of a special status, sometimes even constituting identifiable (sub)systems of their own, but of the target culture in any event. (Toury 1995: 29)

Na esteira de Itamar Even-Zohar, surge Gideon Toury a considerar a tradução como um facto da cultura de chegada e a elaborar uma teoria mais abrangente sobre a tradução. Em 1995, lançou a obra *Descriptive Translation Studies and Beyond*, que derivou da necessidade de desenvolver um ramo descritivo para o estudo da tradução. Partindo do modelo de Holmes (1972), Toury (1995) ressalta que a função, o produto e o processo são três variantes interdependentes e que a tradução não só pode como, efectivamente, provoca alterações na cultura de chegada.

Para este autor, a noção de tradução implica três postulados:

- 1) Postulado do TP: pressupõe que antes de existir de um texto de chegada, já existia um texto de partida;
- 2) Postulado do *transfer*: pressupõe a transferência de elementos de um TP para um TC;
- 3) Postulado da relação: pressupõe as relações que ocorrem entre um TP e um TC.

Para além disso, Toury (1995) propõe um modelo tripartido de normas de tradução que são entendidas como factores e condicionalismos que influenciam a prática tradutória num determinado contexto sociocultural. Estas normas podem ser

entendidas como o comportamento mais recorrente levado a cabo pelos tradutores referindo-se, desta forma, ao papel sociocultural dos mesmos. São elas:

- 1) **Normas iniciais**, que se referem à tomada de decisão do tradutor de se adequar às normas do contexto de partida ou às normas do contexto de chegada. Por outras palavras, referem-se às normas da língua ou da cultura de chegada/partida. Assim, se, por um lado, o tradutor optar por se adequar às normas do contexto de partida, adopta uma estratégia de adequação, se, por outro lado, optar por se moldar às normas do contexto de chegada, então adopta uma estratégia de aceitabilidade. Quando se está perante o primeiro caso, “a tradução não é realmente introduzida na cultura de chegada, mas imposta” (Valdez 2009: 65), quando se está perante o segundo caso, “o que tradutor introduz na cultura de chegada é uma versão do texto de partida adaptado a um modelo pré-existente” (ibid);
- 2) **Normas preliminares**, relacionadas com a política de tradução vigente que condiciona a escolha de textos a traduzir (que obras se traduzem? De que autores? De que língua?) ou a possibilidade (ou não) da tradução indirecta;
- 3) **Normas operacionais**, que se referem às decisões tomadas durante o processo de tradução. Estas dividem-se em: a) normas matriciais, relativas às decisões ao nível da superestrutura como a extensão, a distribuição e segmentação do TC e b) normas textuais linguísticas, relativas à selecção do material textual da LP a substituir na LC.

Por último, Toury (1995) propõe duas leis que dizem respeito ao comportamento tradutório. Por um lado, e aplicável ao tipo de tradução que este trabalho aborda, a lei da estandardização crescente, por outro lado, a lei da interferência. Com efeito, a lei da estandardização crescente implica um comportamento do tradutor espelhado nos seguintes pressupostos: a) os textemas do TP são convertidos em repertoremas da língua ou da cultura de chegada, b) as relações textuais do texto original são muitas vezes modificadas a favor de opções mais habituais oferecidas pelo repertório de chegada, c) os *items* tendem a ser seleccionados a um nível inferior ao das relações textuais estabelecidas no TP, d)

quanto mais periférico for o estatuto do TP, quanto mais a tradução tenta adaptar-se aos modelos e repertórios estabelecidos, e) a tradução assume uma posição periférica no sistema de chegada e, em geral, emprega modelos secundários e apresenta-se como um factor de conservadorismo, f) substituem-se textemas do TP com combinações *ad hoc* de relações textuais equivalentes, e itens da LC capazes de cumprir a mesma função.

1.4.3. A reescrita de André Lefevere

Translation is, of course, a rewriting of an original text.
All rewritings, whatever their intention, reflect a
certain ideology and a poetics and as such a manipulate
literature to function in a given society in a given way.
(Lefevere 1992: vii)

Como a citação de André Lefevere e de Susan Bassnett no prefácio da obra *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame* indica, a tradução, como toda a reescrita, independentemente da sua intenção, revela uma certa ideologia e uma certa poética, manipulando a literatura de maneira a funcionar de uma determinada forma numa determinada sociedade.

A abordagem de Lefevere (1992) prioriza o sistema de chegada e defende que a tradução é uma actividade condicionada pelas normas culturais e históricas desse sistema. Lefevere (1992), ainda que igualmente virado para o contexto onde a tradução virá a ser produzida, veio acrescentar estruturas de poder, como o mecenato, a poética e a ideologia, à abordagem orientada para o alvo proposta por Gideon Toury.

Lefevere (1992) defende, portanto, que as reescritas são produzidas ao serviço, ou sob o constrangimento de correntes ideológicas ou poéticas, características do sistema literário de chegada. Isto é, algumas são inspiradas por motivações ideológicas, ou produzidas sob constrangimentos ideológicos, ao passo que outras são inspiradas por motivações poéticas ou produzidas sob constrangimentos poéticos. Para o autor, a tradução é produzida com base num texto de partida que será adaptado à ideologia e à poética de uma nova audiência. Em suma, a tradução é uma forma de reescrita, uma vez que o tradutor, para servir as necessidades do público de

chegada, adapta e manipula o texto de acordo com as convenções do sistema de chegada.

Antes de se passar à análise dos factores que controlam o sistema literário, propõe-se um esquema do modelo de Lefevere (1992):

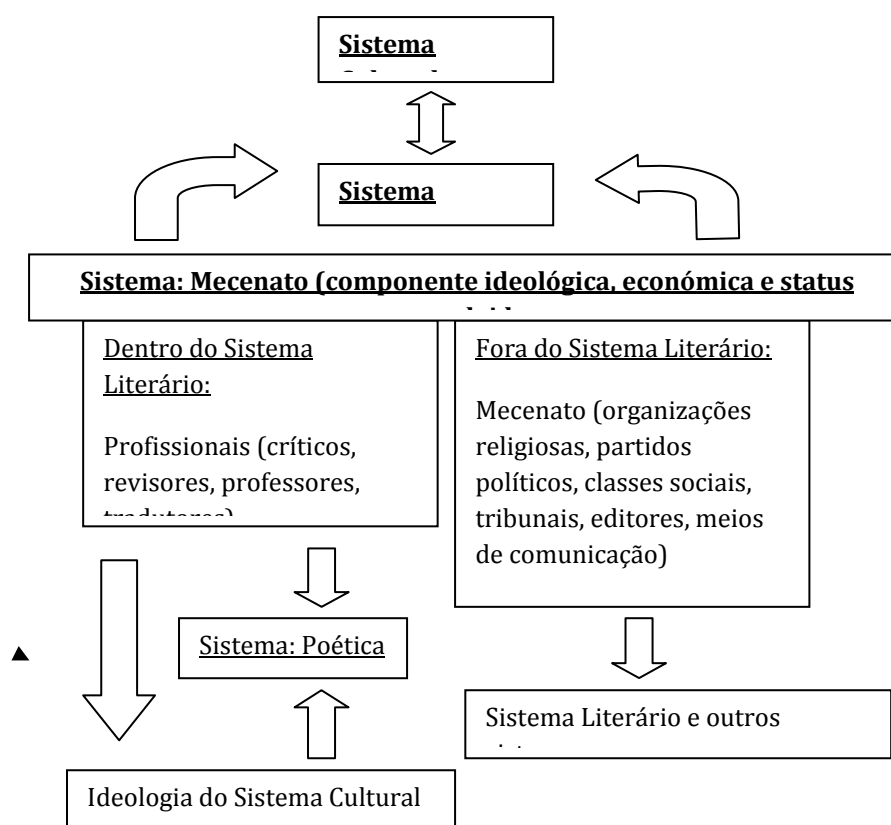


Figura 2 - Factores de controlo do sistema literário, modelo proposto por Lefevere (1992: 11-25)

Como se pode ver na Figura 2, Lefevere (1992), partindo da teoria sistémica dos formalistas russos, engloba o sistema literário num complexo sistema de sistemas que é a cultura. Por sua vez, a cultura é o ambiente de um sistema literário. Estes influenciam-se mutuamente, interagindo consoante a lógica cultural em que se inserem. Lefevere levanta a questão: “But who controls the ‘logic of the culture’?” (1992: 14) e responde ao mesmo tempo que essa lógica cultural é determinada por dois factores, sendo que um se insere dentro do sistema literário e o outro existe à parte desse sistema.

A Figura 2 mostra que o primeiro factor de controlo, dentro do sistema literário, é representado pelos profissionais, especificamente, os profissionais remetidos à função de reescritores, que dentro desse sistema literário são: os críticos e os revisores, cujas alterações e os comentários condicionam a recepção do texto de chegada; os professores, que sugerem a leitura desta ou daquela obra; e os tradutores, que adaptam a ideologia e a poética do contexto e do texto de partida consoante a ideologia e poética dominante do alvo para o qual traduzem. São estes profissionais que fazem o balanço entre aquilo que deve ou deveria ser a literatura, ou seja, a sua poética, e aquilo que a sociedade deve ou deveria ser, ou seja, a sua ideologia.

Para Lefevere (1992), a poética também é vista como um sistema e comporta duas componentes. Por um lado, a poética refere-se ao inventário de dispositivos, géneros, protótipos, personagens, situações e símbolos literários; por outro lado, a poética refere-se ao papel da literatura no sistema social como um todo. De salientar que, como sugere a Figura 2, a poética de uma determinada sociedade é influenciada e determinada pela sua ideologia dominante. Ou seja, a componente funcional da poética está intimamente ligada às influências ideológicas que estão fora da esfera poética e, desta forma, a poética é gerada pelas forças ideológicas provenientes do sistema literário.

O segundo factor de controlo — o mecenato — por norma, opera fora do sistema literário e, de acordo com Lefevere: “will be understood to mean something like the powers (persons or institutions) that can further or hinder the reading, writing and rewriting of literature” (1992: 15). Isto é, podem ser pessoas individuais numa determinada era histórica ou grupos de pessoas que regulam a distribuição da literatura e das ideias literárias.

Nestes grupos de pessoas, como a Figura 2 indica, podem inserir-se as organizações religiosas, os partidos políticos, as classes sociais, os tribunais, os editores, os meios de comunicação. São os meios de comunicação que adquirem uma maior relevância para este trabalho, uma vez que incluem os periódicos, as revistas e as estações televisivas de maior influência, que ao produzirem notícias, não só espelham a realidade, como procuram dizer ao público-alvo aquilo em que devem pensar. Este factor de controlo normalmente prioriza a ideologia da literatura em

detrimento da sua poética e, como se vê na figura, pretende regular a relação entre o sistema literário e os outros sistemas, que em conjunto contribuem para a criação de uma cultura.

De acordo com Baker (2009), os indivíduos e/ou as instituições supra referidos, que actuam dentro e fora do sistema literário, assumem o papel de *gatekeepers* uma vez que se apresentam como guardiães da poética, da ideologia e consequentemente, das reescritas, promovendo ou inibindo a circulação do produto literário.

Ainda atentando ao mecenato, este conceito engloba três elementos que interagem de variadas formas: a) uma componente ideológica, que actua como um constrangimento tanto na escolha como no desenrolar do assunto; b) uma componente económica, que pressupõe a garantia do mecenas para que escritores e reescritores possam viver do seu trabalho e, finalmente, c) um elemento de ‘*status*’ envolvido, que implica a integração de um determinado grupo ou estilo de vida. Pode entender-se que o mecenato representa as figuras que patrocinam a produção cultural, e como já referido, “pode ser exercido por pessoas isoladamente, coletividades, editores e a mídia, que normalmente atuam através de instituições que regulam a escrita e disseminação da literatura” (Martins 2010: 64).

Em suma, o processo de tradução é submetido a uma série de constrangimentos que se prendem com uma componente ideológica, seja ela a ideologia do tradutor, os constrangimentos ideológicos gerados pelo mecenato ou os constrangimentos ideológicos da cultura de chegada. O tradutor parte em busca de soluções para que o novo texto seja aceite pelo novo sistema literário, social e cultural. Essas soluções vão culminar na estratégia de aceitabilidade proposta por Toury (1995). Estes dois autores vêem a cultura como um factor determinante, e já Toury (1995) considerava as traduções como um facto da cultura de chegada. Na mesma senda, a cultura de chegada é que determina o produto, pois é o conjunto da visão, dos valores e da ideologia do público de chegada que vai determinar a forma como a tradução será apresentada. Pode, assim, sustentar-se que a norma de aceitabilidade de Toury (1995) acaba por se relacionar com a reescrita de Lefereve (1992) pois, como citado em epígrafe, o tradutor manipula o texto de acordo com as convenções de chegada, para facilitar a aceitabilidade da tradução por parte do público de chegada. Como refere

Inaba (2009), é assim que a tradução adquire o estatuto de reescrita ao serviço do mecenato ou do sistema de chegada, já que o tradutor reescreve e distorce o texto de partida para criar uma nova imagem adaptada ao sistema de chegada.

1.5. O modelo de Lefevere aplicado ao jornalismo

Quando se aplica o modelo de Lefevere (1992) à tradução do texto jornalístico, Bassnett e Bielsa (2008) salientam que a intervenção do jornalista como reescritor ganha duas formas. Em primeiro lugar, ao reescrever, o jornalista sabe que o propósito informativo e comunicativo do texto jornalístico pressupõe o uso funcional da língua e a utilização de vocabulário simples e frases curtas. Essas estratégias facilitam a tradução, mas ao mesmo tempo limitam a criatividade e a originalidade nesse processo de transferência para o novo contexto normativo. Em segundo lugar, o jornalista, através da tradução, transforma o texto original consoante o novo contexto e a fidelidade prende-se sobretudo com os eventos narrados, em detrimento do próprio texto de partida.

Devido ao vasto número de leitores que a tradução do texto jornalístico atinge, Comănesci refere que, hoje em dia, as pessoas estão cada vez mais expostas às reescritas do que aos “originais” (2011: 2). Também Bielsa e Bassnett salientam, em jeito de conclusão: “like literary rewritings, journalistic rewritings are the form in which news is made available to readers worldwide” (2009: 57).

1.5.1. Poética, ideologia e jornalismo

A definição destes três elementos já foi referida no ponto 1.4.3 deste capítulo, no entanto, importa analisá-los no contexto do jornalismo. Bani (2006) afirma que a tradução do texto jornalístico atinge um número muito vasto de leitores, certamente maior do que aquele que a tradução literária atinge, e as notícias traduzidas moldam e influenciam a opinião e a forma como esses leitores vêem o mundo que os rodeia.

Já fora, igualmente, referido que a tradução é influenciada por dois factores. O primeiro, dentro do sistema literário levado a cabo pelos agentes de reescrita, é o

jornalista/tradutor. Este factor prende-se com as “concepções de literatura (poética) e de mundo (ideologia) predominantes numa dada sociedade, num dado momento” (Martins 2010: 64). A poética de um sistema é influenciada, por um lado, pela ideologia do mesmo, e é gerada pelas forças ideológicas do ambiente do sistema literário. Por outro lado, a poética é fundamental para a selecção de temas que podem ser relevantes para o sistema social (Lefevere 1992).

Quando se fala da poética influenciada pela ideologia dominante como um filtro para a selecção de temas, surge, desta vez de uma perspectiva jornalística, o conceito de *gatekeeper*. De acordo com Traquina (2002), foi em 1950 que David Manning White aplicou pela primeira vez este conceito ao jornalismo, que viria a consagrar-se numa das tradições mais abrangentes e constantes no que respeita à investigação sobre notícias. Este conceito pressupõe que, em primeiro lugar, a produção de informação seja gerada através de uma sucessão de escolhas. Em segundo lugar, foi utilizado para estudar o desenvolvimento do fluxo de notícias dentro dos canais organizativos dos órgãos de informação. Em terceiro lugar, foi utilizado para individualizar os pontos que funcionam como “cancelas” (Wolf 1992: 160) ou “portões” (Traquina 2002: 77), onde o jornalista, com a função de *gatekeeper*, decide se determinado acontecimento virá a ser notícia ou não. Desta forma, Traquina afirma que “se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo «portão», se não, a sua progressão é impedida” (2002: 78).

Na mesma linha que vê o jornalismo e os jornalistas como intervenientes de um processo de selecção constante, surgem os “valores-notícia” (Traquina 2002: 186, 2004: 107, ver Anexo A) que condicionam a selecção e a produção de notícias. Os valores-notícia dizem respeito aos critérios que determinam as decisões dos jornalistas acerca do que é noticiável e são, portanto, “critérios de noticiabilidade que orientam o processo de produção de notícias” (Traquina 2002: 126). Ao lado dos valores-notícia podem posicionar-se padrões literários como a “estruturação das notícias de acordo com a técnica tradicional – *lead*, pirâmide invertida, blocos” (Gradim N.d.: 65), uma contribuição estilística para a uniformidade literária que marca o discurso jornalístico, a sua poética.

Esse discurso jornalístico, no entanto, pode sofrer alterações de país para país. Em Portugal, à semelhança da imprensa francesa, utiliza-se a técnica da pirâmide invertida, ou seja, no início do artigo dá-se preferência à inserção de declarações expositivas e explicativas, sem descuidar o efeito apelativo. A informação é, portanto, hierarquizada e o mais importante vem sempre em primeiro lugar. O mesmo não acontece na tradição anglo-americana, que dá preferência a um início enigmático e uma conclusão carregada de informação (Bassnett 2005).

1.5.2. Mecenato e jornalismo

O segundo factor de controlo prende-se com as estruturas de poder que influenciam a escrita e a reescrita da literatura. Quando se fala em literatura numa perspectiva jornalística, sabe-se que se fala em elaboração de notícias. O jornalista, tal como o tradutor, quando escreve ou traduz também está sujeito às pressões do mecenato. De acordo com Lefevere: "acceptance of patronage implies that writers and rewriters work within the parameters set by their patrons" (1992: 18). Ora os meios de comunicação, neste caso os periódicos, são uma instituição de poder que representam o mecenato.

Do ponto de vista mediático, o comportamento dos jornalistas é controlado pelo profissionalismo jornalístico. Isto é, o profissionalismo jornalístico estabelece normas de conduta através de padrões e normas de comportamentos e determina o sistema de recompensa profissional (Soloski 1993). O profissionalismo facilita as organizações jornalísticas individuais na medida em que as regras gerais são previamente estabelecidas, sendo, desta forma, desnecessário para essas organizações estabelecerem programas de aprendizagem para os novos jornalistas que já chegam às redacções com um dado conhecimento profissional. Essas normas, como é exemplo a objectividade jornalística, que pressupõe, por um lado, o relato imparcial e equilibrado dos factos e que, por outro lado, assegura a posição da organização no "monopólio" de mercado, representam um mecanismo de controlo transorganizacional, segundo Soloski (1993).

Contudo, as normas partilhadas pelos profissionais da informação não eliminam por completo a necessidade do controlo organizacional. Isto porque, segundo Soloski, em primeiro lugar “o profissionalismo fornece aos jornalistas uma base de poder independente que pode ser utilizada para frustrar a forte interferência da direcção nas actividades profissionais do *staff*” (1993: 95) e, em segundo lugar, porque “o profissionalismo dá demasiada liberdade aos jornalistas e, assim, as organizações jornalísticas devem adoptar procedimentos que limitem ainda mais o comportamento profissional dos seus jornalistas” (ibid). Então, com o objectivo de limitar a liberdade do jornalista, no tocante à forma ou ao conteúdo daquilo que relata, as organizações jornalísticas têm vindo a estabelecer políticas editoriais (Soloski 1993). Tal como o profissionalismo pode ser visto como um factor de controlo transorganizacional, as políticas editoriais representam um factor de controlo intra-organizacional.

Como refere Lefevere (1992), o conceito de mecenato consiste em três elementos que interagem de variadas formas. Em primeiro lugar, e já mencionado nos pontos 1.4.3. e 1.5.1., existe uma componente ideológica. Esta actua como um constrangimento tanto na escolha como no desenrolar do assunto. Isto porque os meios de comunicação, em concreto, a imprensa, fornecem aos leitores “uma indicação de importância sólida, constante e visível” (McLure, Patterson 1976, qtd. in Wolf 1992: 26) do mundo que os rodeia.

Antes de elaborar uma notícia, o jornalista sabe que deve dar prioridade à ideologia da cultura e da sociedade de chegada, o que lhe irá facilitar a função que Cohen em *The Press and Foreign Policy* lhe atribui: o jornalista “pode na maior parte das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar, tem, no entanto, uma capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores sobre que temas devem pensar qualquer coisa” (qtd. in Wolf 1992: 128). Então, o jornalista/tradutor não só depende da ideologia para elaborar notícias, como acaba também por influenciar a própria ideologia da sociedade para a qual escreve. Associada à interdependência ideológica, surge a hipótese do *agenda-setting*, termo traduzido para “agendamento” (Traquina 2002: 1), que de acordo com Wolf, representa a “compreensão que as

peças têm de grande parte da realidade social que lhes é fornecida, por empréstimo, pelos mass media” (1992: 128).

Segundo Wolf (1992: 130), a sociedade acaba por estar submetida a uma certa “dependência cognitiva” dos meios de comunicação, e a hipótese do agendamento tem como fundamento um impacto directo, ainda que não seja imediato, sobre os destinatários. Esse impacto ocorre a dois níveis: em primeiro lugar, determina, perante o destinatário, “«a ordem do dia» dos temas, assuntos e problemas presentes na agenda dos mass media” (Wolf 1992: 130), em segundo lugar, determina “a hierarquia de importância e de prioridade segundo a qual esses elementos são dispostos na «ordem do dia»” (Wolf 1992: 130). Em suma, os jornais são os principais promotores de agenda do público e definem os ângulos de interesse desse público.

A componente económica, de uma perspectiva jornalística, poderá referir-se à remuneração dos profissionais, ao trabalho em organizações ou como *freelancers*, ou poderá até corresponder à tiragem dos periódicos, ou seja, ao seu número de vendas. As organizações informativas sabem, à partida, quais as manchetes e a melhor forma de organizá-las, quais os temas que devem sair na capa, temas esses que vão captar a atenção do leitor e, conseqüentemente levá-lo a comprar o jornal.

Por fim, é de destacar o elemento de *status* envolvido que, como refere Lefevre (1992), implica a integração num determinado grupo ou estilo de vida. Dirigida esta ideia de *status* ao jornalismo, volta a surgir, ainda que sob uma perspectiva diferente, a teoria do *gatekeeper*. Através desta óptica a produção de notícias é analisada somente a partir de quem as produz, ou seja, o jornalista (Traquina 2002: 78). Como visto anteriormente, no ponto 1.5.1., a teoria do *gatekeeper* pressupõe uma rotina de selecção, contudo, Wolf afirma que, nesse processo de selecção, “a principal fonte de expectativas, orientações e valores profissionais não é o público mas o grupo de referência constituído pelos colegas ou pelos superiores” (1992: 162).

Assim, segundo este pressuposto de *status* envolvido, as referências relativas ao grupo de colegas prevalecem em detrimento das referências relacionadas com o próprio público, sendo que “o contexto profissional-organizativo-burocrático

circundante exerce uma influência decisiva na escolha dos *gatekeepers*” (Wolf 1992: 160).

2. A tradução na imprensa portuguesa

Para cumprir os objectivos propostos, no presente capítulo será descrita a constituição do *corpus* bem como a selecção de parâmetros para a construção do mesmo, finalizando-se com a apresentação de resultados e análise dos dados.

2.1. Definição e descrição do *corpus*

A corpus is generally referred to as either a collection of texts or a collection of pieces of language. Both definitions express an important feature of a corpus, namely that it is a sample of texts, either full running texts or text extracts, assembled according to explicit design criteria. (Laviosa 2006: 33)

Conforme a citação supramencionada, um *corpus*, por norma, refere-se a um conjunto de textos, seja o texto integral ou excertos dele, seleccionados de acordo com determinados critérios. Com efeito, segundo Atkins et al. (1992), *corpora* diferem de outras colecções de textos, como os arquivos ou bibliotecas digitais, pois são construídos de acordo com critérios explícitos para um fim específico. Para além disso, a representatividade² do *corpus* apresenta-se como um dos aspectos mais importantes na recolha de dados. Segundo Atkins et al. (1992) os critérios de selecção referem-se à inclusão ou não de linguagem escrita ou oral, do texto integral ou de excertos seleccionados, ao tipo de texto que o *corpus* deve considerar, e ao período de produção textual que deve ser analisado.

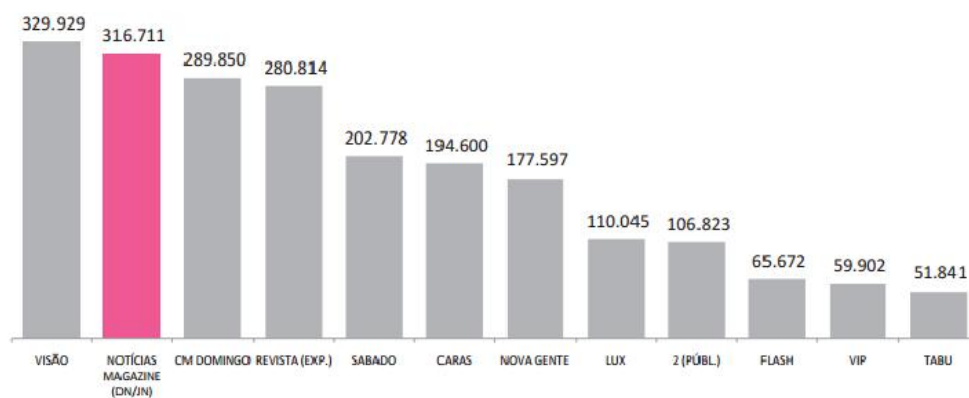
Por conseguinte, para este estudo optou-se pela delimitação do *corpus* a textos jornalísticos traduzidos e publicados no suplemento semanal de um periódico de imprensa diária generalista, com uma considerável distribuição a nível nacional e com um público-alvo abrangente. Por um lado, com base no estudo de mercado *Bareme de Imprensa* levado a cabo pela *Marktest*, o *Diário de Notícias* é uma das publicações de informação geral que se encontra no topo da lista de jornais diários mais vendidos em

²Evoquem-se as palavras de Baker: “Design criteria crucially depends on the envisaged use of the *corpus* and centre on the idea that corpora should be somehow ‘representative’ of a particular type of language production and/or reception.” (1998: 50).

Portugal. Por outro lado, a figura seguinte, proveniente do estudo de mercado *Bareme Imprensa 2ª Vaga 2012* desenvolvido pela *Marktest*, representa as revistas de informação geral e suplementos semanais com maior número de leitores:

NÚMERO DE LEITORES DAS CLASSES ABC1 24-64 NACIONAL

Revistas/Suplementos de Informação Geral, Interesse Geral e Sociedade



Fonte: Marktest / MediaMonitor-BaremeImprensa 2.ª vaga 2012

Figura 3 - Publicações semanais portuguesas com maior número de leitores (Fonte: *Marktest/Media Monitor - Bareme Imprensa 2ª Vaga 2012* representado no site *controlinveste.pt*)

A Figura 3 mostra que, em 2012, a *Visão* é a primeira preferência do leitor e que a revista *Notícias Magazine*, suplemento semanal do *Diário de Notícias*, chega em segundo lugar na lista de preferências. Apesar de a *Visão* liderar o gráfico, o DN foi a publicação que mostrou mais abertura para a contribuição deste trabalho. Assim sendo, o *corpus* seleccionado é constituído pelo conjunto de notícias traduzidas³, existentes na revista *Notícias Magazine*. Por sua vez, o período de tempo contemplado pelo *corpus* seleccionado é de dez anos - 2002 a 2012.

³ As notícias traduzidas presentes no *corpus* seleccionado dizem respeito a notícias compradas a órgãos de comunicação estrangeiros como o *The Times*, *The Sunday – Times*, *New Scientist*, *Marie Claire*, *Marie France*, *Psychology Today*, *Scientist Magazine*, *Avantages*, *Science&Vie*, *Explorer*, e, quando chegam a Portugal, são adjudicadas a tradutores ou agências de tradução.

2.1.1. Delimitação do *corpus*

Para se proceder à delimitação do *corpus* achou-se pertinente considerar a tipologia textual proposta por Reiss (1971), acrescentando a proposta de Bernardo (2013). A Tabela 1 mostra que à distinção que Reiss (1971) faz entre as duas formas de categorização: a) Tipo de texto (classificado consoante a situação comunicativa dominante) e b) Género de Texto (classificado de acordo com as convenções linguísticas dominantes), Bernardo (2013) acrescenta uma nova categoria, a saber, a espécie de texto:

TIPO DE TEXTO	GÉNERO DE TEXTO		ESPÉCIE DE TEXTO
Informativo	Científico	Académico	Monografia, artigo, resumo, entrada numa enciclopédia
		Técnico/Utilitário	Relatório da bolsa, manual de reparações, certificado de garantia
		Divulgação	Folheto informativo do medicamento, artigo científico em revista não especializada
	Não científico	Jornalístico	Notícia, comentário, editorial, recensão crítica, artigo, reportagem
		Oficial	Contrato, apólice de seguro, certidão, certificado, garantia, decisão judicial, patente
Expressivo	Lírica		Soneto, poema em prosa
	Prosa		Ensaio, narrativa
	Drama		Comédia, tragédia
Operativo/Apelativo	Texto publicitário		Anúncio
	Texto propagandístico		Discurso político

Tabela 1 - Tipologia textual segundo Bernardo (2013: 77 - 86)

De acordo com a tipologia proposta por Reiss (1971), o *corpus* seleccionado é constituído por textos do tipo informativo, do género jornalístico. Acrescentando a

tipologia proposta por Bernardo (2013), quanto à espécie, estes podem ser uma notícia, um artigo ou uma reportagem.

A seguinte tabela representa o número de revistas NM (*Notícias Magazine*) que foram consultadas para delimitar o *corpus*:

Ano	Nº revistas NM
2002	52
2003	53
2004	52
2005	52
2006	53
2007	52
2008	52
2009	53
2010	52
2011	52
2012	53
Total	576

Tabela 2 - Nº total de revistas *Notícias Magazine* consultadas para delimitação do *corpus*

2.2. Tipologia de *corpora*

Para delimitar as características do *corpus* constituído para ser analisado no presente estudo, optou-se por seguir a estrutura de análise do *corpus* presente em Valdez (2009), que tem por base a tipologia de *corpora* desenvolvida por Laviosa (1998) que, por sua vez, se baseia nas categorias propostas por Atkins *et al* (1992):

Nível 1

1.1. Tipos de *corpus*:

- ✓ Texto integral – contém a totalidade dos textos.
- ✓ Amostras – contém fragmentos textuais de acordo com determinados critérios.
- ✓ Misto
- ✓ De monitorização – contém conjuntos de textos integrais em constante actualização.

O tipo de *corpus* adoptado é integral porque contém a totalidade dos textos seleccionados.

1.2. Tipos de *corpus*:

- ✓ Sincrónico – quando abrange um período de tempo reduzido.
- ✓ Diacrónico – quando abrange um período de tempo superior a 15 anos.

O tipo de *corpus* adoptado é sincrónico porque abrange apenas 10 anos, um período de tempo considerado reduzido.

1.3. Tipos de *corpus*:

- ✓ Geral – quando a linguagem é geral, não especializada.
- ✓ Terminológico – quando a linguagem pertence a uma área especializada.

O tipo de *corpus* adoptado é geral, pois a linguagem jornalística recorre à regra dos 3 C's: a) clareza, porque o texto deve ser facilmente compreendido; b) correcção, porque o texto deve conter informação concreta; e c) concisão, porque com o menor número de palavras possível, deve transmitir-se o número máximo de ideias. Assim, a linguagem jornalística tem como característica a simplicidade, a credibilidade e a acessibilidade.

1.4. Tipos de *corpus*

- ✓ Monolingue – contém textos de uma língua
- ✓ Bilingue – contém textos de duas línguas
- ✓ Multilingue – contém textos de três ou mais línguas

O *corpus* seleccionado é monolingue, uma vez que contém textos produzidos numa única língua.

1.5. Tipos de *corpus*

- ✓ Línguas do *corpus* – identificação das línguas que fazem parte do *corpus*.

O presente *corpus* é constituído por textos escritos em Português Europeu.

1.6. Tipos de *corpus*

- ✓ Escrito
- ✓ Oral
- ✓ Misto

O *corpus* seleccionado para este estudo é constituído exclusivamente por textos escritos.

2) Nível II

2.1. Tipos de *corpus* monolingue

- ✓ Simple – composto por textos escritos originalmente numa única língua.
- ✓ Comparável – composto por dois *subcorpora* na mesma língua.

O presente *corpus* é simples porque é composto por textos na língua portuguesa.

3) Nível III

3.1. Tipos de *corpus* simples

- ✓ *Translato* – inclui textos traduzidos para uma língua.
- ✓ Não *translato* – inclui textos produzidos originalmente numa língua.

O presente *corpus* é um *corpus* simples *translato* porque pressupõe a tradução de notícias de uma língua estrangeira para o Português Europeu.

2.3. Classificação do *corpus*

De acordo com a tipologia supra descrita, o *corpus* de Notícias Traduzidas da Revista *Notícias Magazine* (NTR-NM) é um *corpus* simples monolingue, de textos integrais, síncrono, *translato*, de Português Europeu, de linguagem geral e escrita.

2.4. Categorias de análise

Para analisar o *corpus* NTR-NM optou-se por fazer uma divisão entre duas categorias de análise.

- 1) A primeira categoria, mais geral, refere-se a uma análise comparativa entre as revistas que apresentam notícias traduzidas *versus* revistas que não apresentam notícias traduzidas;
- 2) A segunda categoria, mais específica, refere-se a uma análise comparativa entre as notícias traduzidas que têm a assinatura do tradutor graficamente assinalada *versus* notícias traduzidas que não têm a assinatura do tradutor graficamente assinalada. Para além disso, esta segunda categoria subdivide-se, para dar conta das notícias traduzidas assinadas pela própria revista.

2.5. Apresentação de dados

Como se pôde verificar na Tabela 2, para delimitar o *corpus* foram analisadas 576 revistas NM. No entanto, como se pode constatar, a Tabela 3 referente à categoria de análise 1), mostra que dessas 576 revistas, 165 continham notícias traduzidas:

Ano	Revistas c/ notícias traduzidas		Revistas s/ notícias traduzidas		Total
2002	21	40%	31	60%	52
2003	21	40%	32	60%	53
2004	29	56%	23	44%	52
2005	13	25%	39	75%	52
2006	32	60%	21	40%	53
2007	24	46%	28	54%	52
2008	8	15%	44	85%	52
2009	4	8%	49	92%	53
2010	1	2%	51	98%	52

2011	8	15%	44	85%	52
2012	4	8%	49	92%	53
Total/Média	165	25%	411	75%	576

Tabela 3 - Relação de revistas NM com notícias traduzidas vs. revistas NM sem notícias traduzidas de 2002 a 2012

Assim sendo, das 576 revistas NM analisadas, compreendendo o espaço temporal de 2002 a 2012, seleccionaram-se para o *corpus* NTR-NM 165 revistas com textos jornalísticos traduzidos.

A seguinte tabela corresponde à categoria de análise 2) e representa a relação de revistas com a assinatura do tradutor *versus* revistas sem assinatura do tradutor:

Ano	C/ assinatura do tradutor		S/ assinatura do tradutor		Total
2002	0	0%	21	100%	21
2003	0	0%	21	100%	21
2004	0	0%	29	100%	29
2005	1	8%	12	92%	13
2006	0	0%	32	100%	32
2007	0	0%	24	100%	24
2008	0	0%	7	100%	8
2009	0	0%	2	100%	4
2010	0	0%	1	100%	1
2011	0	0%	8	100%	8
2012	0	0%	4	100%	4
Total/Média	1	1%	164	99%	165

Tabela 4 - Relação de revistas NM com assinatura do tradutor vs. revistas NM sem assinatura do tradutor

A Tabela 5, também correspondente à categoria de análise 2), apresenta a relação entre textos jornalísticos traduzidos com assinatura do tradutor *versus* textos jornalísticos traduzidos sem assinatura do tradutor *versus* textos jornalísticos traduzidos assinados pela revista *Notícias Magazine*:

Ano	C/ assinatura do tradutor		S/ assinatura do tradutor		Assinadas p/ revista		Total
2002	0	0%	21	100%	0	0%	21
2003	0	0%	21	100%	0	0%	21
2004	0	0%	29	100%	0	0%	29
2005	1	8%	12	92%	0	0%	13
2006	0	0%	32	100%	0	0%	32
2007	0	0%	23	96%	1	4%	24
2008	0	0%	7	88%	1	13%	8
2009	0	0%	2	50%	2	50%	4
2010	0	0%	1	100%	0	0%	1
2011	0	0%	8	100%	0	0%	8
2012	0	0%	4	100%	0	0%	4
Total/Média	1	1%	160	93%	4	6%	165

Tabela 5 - Relação de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM

2.6. Análise de dados

2.6.1. Categoria de análise 1)

Ao se atentar na seguinte figura, que é representativa da categoria de análise 1) e faz uma relação percentual entre revistas com notícias traduzidas e revistas sem

notícias traduzidas, pode verificar-se que o fluxo anual de revistas com notícias traduzidas é inferior e, além disso, apresenta um decréscimo ao longo dos anos.

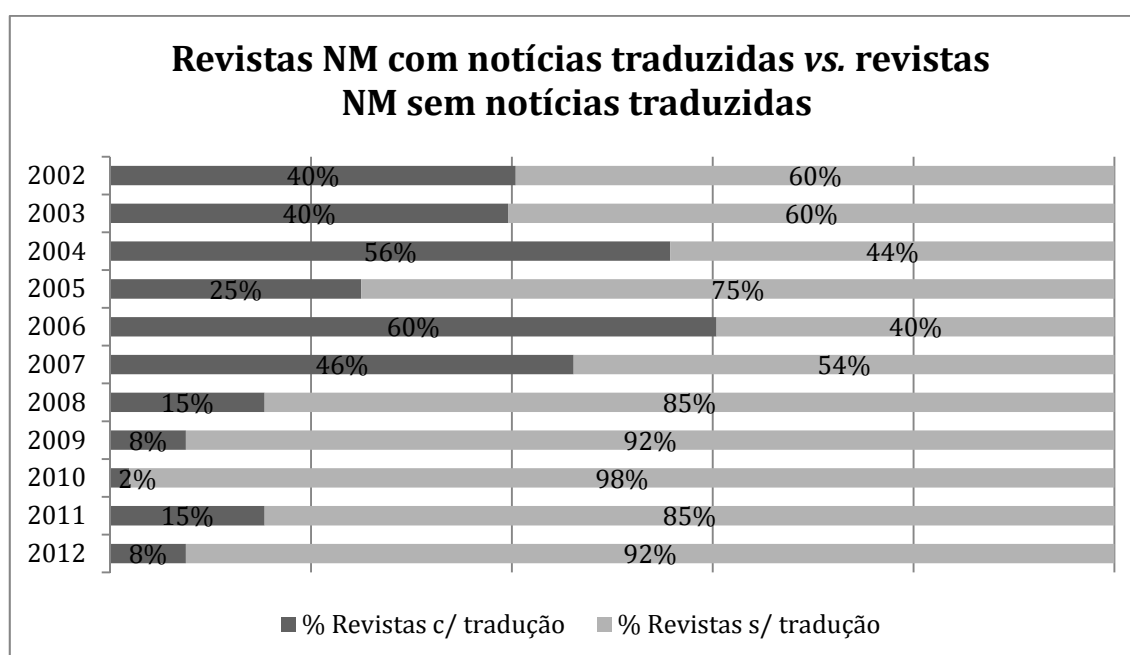


Figura 4 - Relação percentual de revistas NM com notícias traduzidas vs. revistas NM sem notícias traduzidas de 2002 a 2012

Já foi referido, em nota de rodapé, que os textos jornalísticos constituintes do *corpus* são notícias que o *Diário de Notícias* compra a meios de comunicação estrangeiros como *The Times*, *The Sunday Times*, *New Scientist*, *Marie Claire*, *Marie France*, *Psychology Today*, *Scientist Magazine*, *Avantages*, *Science&Vie*, *Explorer* e, por isso, entram no orçamento do jornal. Uma vez que esses textos jornalísticos são comprados, compreende-se que a percentagem de revistas NM com notícias traduzidas seja inferior à percentagem de revistas NM sem notícias traduzidas (ver Tabela 3). Para além disso, o jornal não só dispensa verbas para comprar estas notícias, como também as adjudica a agências de tradução ou a tradutores *freelancer*, a quem paga os serviços de tradução.

Este aspecto financeiro chama a atenção para outros factores que também podem condicionar a existência de textos jornalísticos na revista NM. Por um lado, pretende-se examinar o valor-notícia do “dia noticioso”⁴, um conceito proposto por

⁴ Ver Anexo A para uma sistematização de conceitos-chave no contexto jornalístico.

Traquina (2002, 2004), que sugere que nem todos os dias são dias ricos em acontecimentos e, portanto, se noticiam factos que *a priori* estariam em segundo plano. Sugere-se, assim, uma perspectiva semanal deste valor-notícia. Quer isto dizer que, sendo a NM uma revista de tiragem semanal, pretende-se falar de uma semana noticiosa. Nas semanas ricas em acontecimentos locais, as páginas da NM são preenchidas com notícias que não carecem de tradução porque são elaboradas pelos jornalistas residentes. Quando não existem acontecimentos suficientes a noticiar, a revista tem necessidade de comprar artigos aos meios de comunicação estrangeiros, de forma a eliminar os espaços em branco que os acontecimentos daquela semana não preenchem. Por outro lado, aquando da análise dos textos constituintes do *corpus* verificou-se, ao longo dos anos, o acréscimo de notícias elaboradas por jornalistas correspondentes. De facto, a Figura 4 mostra que a percentagem de notícias traduzidas vai decrescendo à medida que os anos passam.

Para fugir à compra de artigos, a NM serve-se cada vez mais de jornalistas correspondentes ou até de *freelancers*, para elaborarem notícias que retratem acontecimentos além-fronteiras. Por norma são jornalistas com alguns conhecimentos linguísticos para além do Português Europeu, e portanto, se a tradução for necessária, é levada a cabo por esses profissionais no momento em que escrevem a notícia. A corroborar a afirmação anterior, Bassnett e Bielsa afirmam:

There is considerable uneasiness on the part of many journalists to define themselves as translators, preferring to call themselves journalists-translators, international reporters or, more commonly, simply journalists with knowledge of another language. (2009: 15)

Como se verifica na Figura 4, o decréscimo é substancial a partir do ano de 2008, ano esse que representa o eclodir da crise mundial, que começou com a crise do *subprime* nos Estados Unidos da América. Levanta-se a hipótese de que a crise esteja por detrás desse declínio.

2.6.2. Categoria de análise 2)

Atentando à categoria de análise 2), a Figura 5 mostra que a maior parte dos textos jornalísticos traduzidos na revista NM raramente referem o nome do tradutor (ver Anexo B para análise mais detalhada). Antes pelo contrário, por norma, o texto

traduzido aparece assinado pelo jornalista estrangeiro que o produziu. Desta forma, pressupõe-se que na comunidade jornalística, os parceiros profissionais reconhecem o mérito uns dos outros não reconhecendo o mérito de terceiros, neste caso do tradutor a quem adjudicam a tradução. No período de tempo analisado, de 2002 a 2012, verificou-se apenas um caso onde realmente aparece uma referência ao tradutor da notícia.

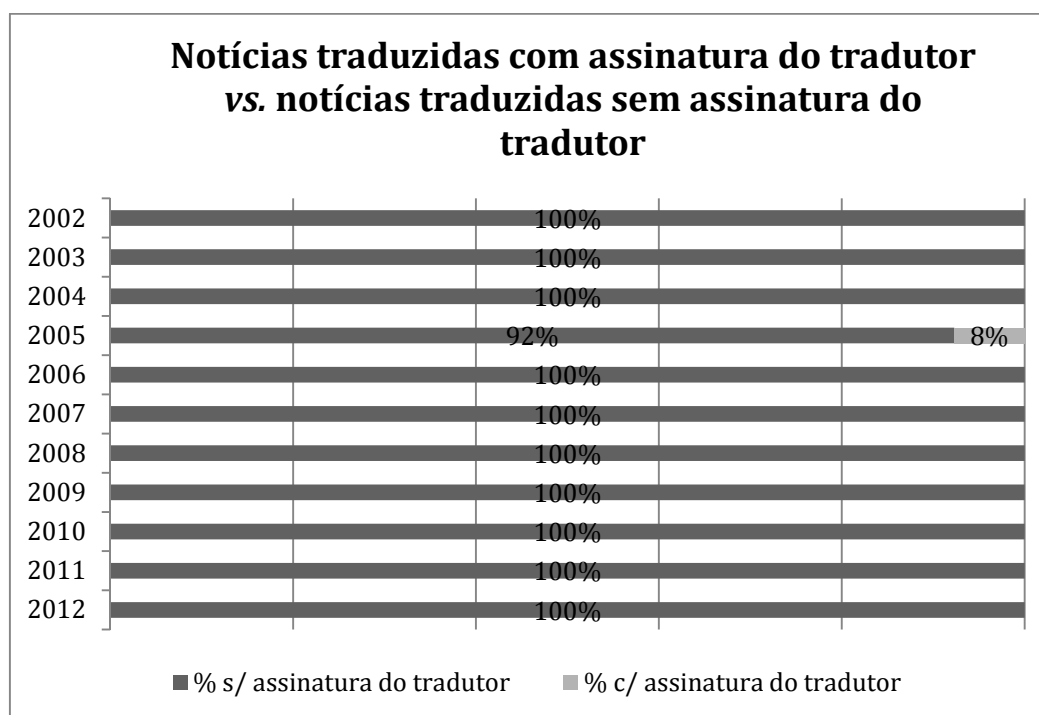


Figura 5 - Relação percentual de notícias traduzidas na revista NM com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas na revista NM sem assinatura do tradutor de 2002 a 2012

Como se pode ver no Anexo C, o texto refere-se ao rescaldo da bomba atômica largada nos céus de Hiroxima passados 60 anos. A revista faz referência ao autor do texto, o reconhecido fotógrafo e documentarista Chris Steele-Perkins, e ao tradutor desse texto, Salomão Kolneit. Para se tentar perceber o porquê de ser o único artigo com referência ao tradutor em 10 anos, tentou-se levar a cabo uma pesquisa centrada em Salomão Kolneit, no entanto, não foi possível apurar se é um jornalista de profissão ou um tradutor. De facto, como se constata na Tabela 4, em 10 anos de revistas analisadas, apenas 1% apresenta o nome do tradutor, o que significa que em 165

revistas com textos jornalísticos traduzidos, apenas uma continha o nome do tradutor graficamente assinalado.

Outra variante desta segunda categoria de análise é agora representada na Figura 6.

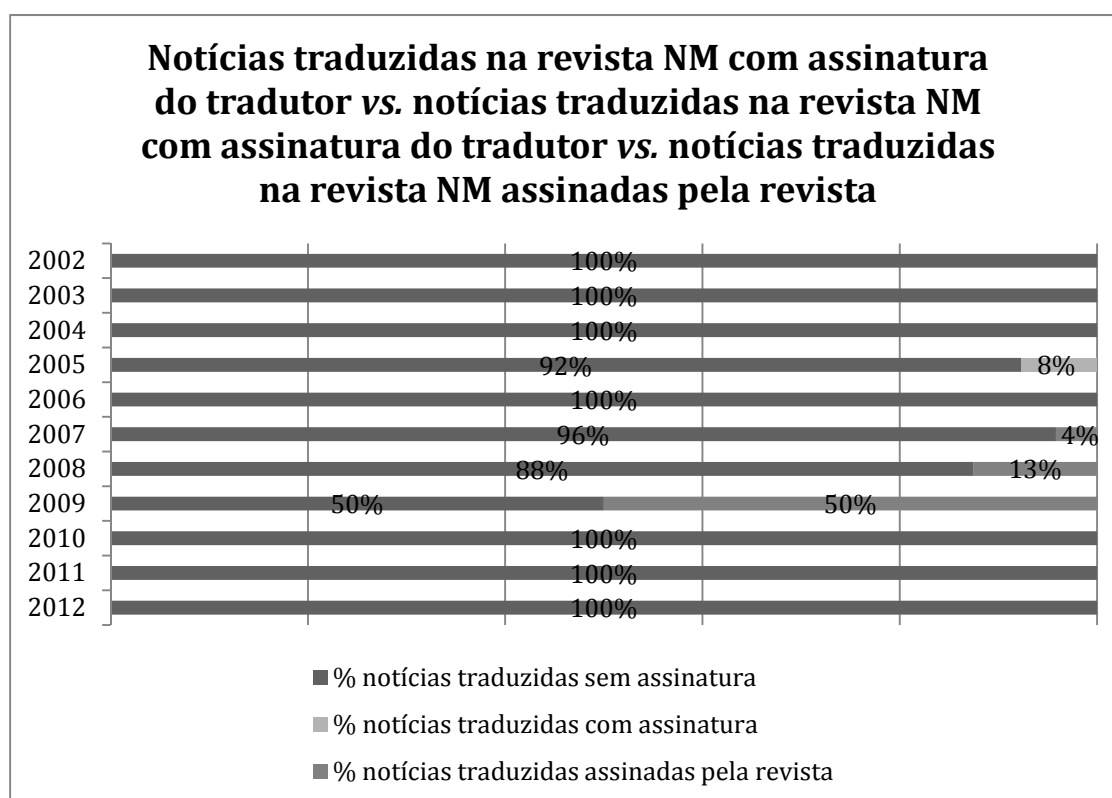


Figura 6 - Relação percentual de notícias traduzidas na revista NM com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas na revista NM sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas da revista NM com a tradução assinada pela revista

Como a Figura 6 indica, é mais recorrente a revista assinar as traduções que faz, do que indicar o nome do tradutor que prestou o serviço de tradução (ver exemplo no Anexo D). A tabela 5 revela que das 165 revistas com textos jornalísticos traduzidos, 1% apresenta a assinatura do tradutor, 93% não são assinados (e o mesmo será dizer que têm a assinatura do jornalista estrangeiro, autor do texto) e 6% são assinados pela revista (ver Anexo B para análise mais detalhada). Ainda que haja um número superior àquele que apresenta o nome do tradutor, a norma mantém-se: na maioria das notícias traduzidas o leitor não se apercebe que está perante uma tradução porque é o nome do jornalista estrangeiro que é referido. Esta questão remete para a

problemática da invisibilidade do tradutor (Venuti 1995), pois o tipo de escrita que o texto jornalístico requer remete para a fluência e para a simplicidade. Consequentemente, segundo Venuti: “The more fluent the translation, the more invisible the translator, and, presumably, the more visible the writer or meaning of the foreign text” (1995: 1).

Fruto dessa invisibilidade, assume-se a hipótese de que há uma manipulação, que é uma característica das reescritas, uma vez que o leitor é levado a pensar que está perante um texto original. Assim, o leitor apenas verá aquele texto como uma tradução se for pesquisar pelo nome do jornalista e perceber que ele escreve numa língua estrangeira e que houve de facto um processo tradutório.

Falando em processo tradutório, as traduções que o *corpus* comporta não se coadunam com as ideias proferidas pela maioria dos autores referidos na bibliografia. A maioria desses autores, depois das pesquisas que efectuaram, consideram que a tradução do texto jornalístico não é conciliável com o conceito de tradução interlinguística proposto por Jakobson (1959). Bassnett e Shäffner chegam mesmo a afirmar:

Such practices raise the question as to whether the label translation is actually applicable in the case of news translation, since what happens does not fit established models of interlingual translation activity and comes closer to what happens in interpreting, where the goal of the transaction is more important than any sense of equivalence. (2010: 9)

Contudo, olhando para os Anexos E e F, pode afirmar-se que a tradução interlinguística de Jakobson (1959) existe na tradução do texto jornalístico em Portugal. Confrontando o TP, redigido em inglês pelo jornalista Nev Pierce, com o TC em português, que também vem assinado pelo próprio jornalista, verifica-se que há uma tradução propriamente dita. As alterações existentes referem-se, por exemplo: 1) ao título, 2) ao subtítulo, 3) a aspectos estilísticos e 4) à adição ou subtracção de informação.

1) Título:

TP: THE IRON WILL OF FILM’S FIRST LADY

TC: A escolha de Meryl

2) Subtítulo:

TP: Meryl Streep knows a thing or two about being an outsider and making it in a man's world. For her riveting portrayal of Margaret Thatcher, she will definitely be up for a third Oscar, says Nev Pierce.

TC: Que ela era uma atriz extraordinária já todos sabíamos. Mas é aos 62 anos, mostrando a sagacidade aguçada de Thatcher e a sua tristeza quando os anos a vão esbatendo, que Meryl Streep se supera. O embate de duas mulheres maduras com quem vale a pena aprender.

3) Aspectos estilísticos:

TP: Then, on February 26, she has a strong chance of taking home her third Oscar. (She previously won best supporting actress for *Kramer vs. Kramer*, and the big one for *Sophie's Choice*.)

TC: A 26 de Fevereiro, tem uma hipótese forte de levar para casa o seu terceiro Óscar (ganhou anteriormente o de atriz secundária de *Kramer contra Kramer* e o maior de todos com *A Escolha de Sofia*).

4) Adição ou subtracção de informação:

TP: The two-time Oscar winner was taking her eldest daughter to university at Northwestern, in Evanston, Illinois [...]

TC: A actriz, duas vezes vencedora do Óscar, tinha ido levar a filha mais velha à Universidade Northwestern, no Illinois, Estados Unidos.

Ainda que se verifiquem este tipo de alterações ao longo do texto, é possível afirmar que existe um processo e um produto tradutórios, tendo em conta a noção de tradução interlinguística de Jakobson (1959). Consequentemente, a tradução interlinguística, que se refere à tradução propriamente dita ou à interpretação de signos verbais por meio de uma outra língua, é uma realidade na tradução do texto jornalístico em Portugal. Para além disso, está-se perante uma reescrita (Lefevere 1992) porque há aspectos do texto que são manipulados para ir ao encontro das normas do sistema de chegada e das expectativas do leitor. Assim, o tradutor adopta

uma estratégia de aceitabilidade (Toury 1995) guiando-se pelas normas do contexto de chegada.

Uma vez mais em contraposição a Bassnett e Shäffner (2010), autoras que questionam se o termo tradução poderá ser aplicado à tradução do texto jornalístico, reafirma-se que há uma tradução propriamente dita no suplemento semanal de um periódico de imprensa generalista em Portugal, e que vai, também, ao encontro dos três postulados propostos por Toury (1995).

No entanto, se até agora se tem vindo a defender que existe tradução interlinguística na revista *Notícias Magazine* do jornal *Diário de Notícias*, há outra vertente da tradução do texto jornalístico em Portugal, que não faz parte da análise do *corpus*, mas que se achou pertinente referir.

Antes de se consultar o arquivo do DN para elaborar o *corpus*, foi solicitada a presença na redacção do jornal para se poder testemunhar o processo de tradução. Para dar conta dessa vertente, optou-se por apresentar aqui a seguinte descrição dessa experiência, que contou com a colaboração da editora da secção internacional, Dra. Helena Tecedeiro:

Logo pela manhã, o *e-mail* da Dra. Helena enche-se com mensagens (telexes) vindas das agências noticiosas AFP (Agence France-Presse) e Lusa. São às centenas, chegam de minuto a minuto em português ou em francês, e o primeiro passo é fazer uma triagem. Quando acabam as reuniões da manhã e ficam definidos os temas e a agenda do dia, é enviado um *e-mail* aos jornalistas. Para além de consultarem os telexes, esses jornalistas fazem uma pesquisa do assunto na internet e podem encontrar informação em qualquer língua. Normalmente o grosso dessa informação é em inglês ou espanhol, línguas que os jornalistas da redacção dominam melhor. Depois disso, à tarde, as equipas reúnem-se e cada um apresenta a informação que já seleccionou e a direcção estabelece uma hierarquia de importância. No entanto ao longo do dia tudo pode ser alterado, pois os eventos e acontecimentos são ininterruptos e o jornal está sempre preparado para receber as últimas notícias. O tempo é uma característica fundamental na construção de notícias, especialmente neste tipo de publicação que também já conta com as redes sociais e plataformas digitais para divulgar informação. Não existe nenhum tradutor na redacção. Os

jornalistas consideram a tradução como uma ferramenta de trabalho, e não se vêem como tradutores. Em vez disso, consideram-se jornalistas que recolhem informação de vários textos fonte e os reconstroem através de resumos, adições, subtracções.

Assumindo-se, desta forma, que existem duas vertentes da tradução do texto jornalístico em Portugal, esta segunda vertente é consonante com as teorias de autores como Bani (2006), Gambier (2006), Bassnett (2005), Bassnett e Bielsa (2009), Bassnett e Shäffner (2010), e Van Doorslaer (2010). De facto, esta vertente da tradução do texto jornalístico corrobora as seguintes afirmações:

Yet the ambiguity is hardly surprising when we consider what happens in news translation: interviews undertaken locally in one language may then be edited down, summarized, passed on via another language, edited down again, transferred into the news agency language, adapted to the house style of a particular publication, shortened to conform to space limits. In other words, a complex set of textual transactions occur between and within languages, so that it is not only possible but is indeed frequently the case that tens of thousands of words originating in one language find their way into print another language as a story of no more than 200 words. (Bassnett e Shaffner 2010: 9)

Além disso, como refere Van Doorslaer:

Most rewriting in the journalistic field is more problematic, however, as far as the status of a(n) (identifiable) source text is concerned. In many cases, several sources, or more particularly, several source texts are used when producing a new target text. (2010: 3)

Com efeito, ao passo que na primeira vertente se lidava com um só texto de partida, nesta segunda vertente existem vários textos de partida que, possivelmente, derão lugar a vários textos de chegada⁵.

De facto, segundo Bassnett e Bielsa (2009), a intervenção do jornalista/tradutor está relacionada com três tarefas: a) a selecção e síntese, sendo que apenas a informação relevante é transferida para a língua de chegada; b) a hierarquização de informação, através da qual a informação do texto de partida é adaptada às necessidades da nova audiência; c) a mudança de ângulo, de enquadramento, quando o novo contexto informativo assim o exige. Essa mudança de ângulo para melhor servir o público de chegada leva a questão da equivalência formal (Nida 1964) até ao seu

⁵ Este aspecto ficou esclarecido na palestra proferida por Luc Van Doorslaer, na qual se debruçou sobre o tema Tradução e Jornalismo, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 19 de Abril de 2013.

limite, revelando como diferentes versões de notícias internacionais podem funcionar em diversos contextos locais.

Hursti (2001), por sua vez, na sua tese de mestrado leva a cabo uma análise entre os TP provenientes da *Reuters* e os textos de chegada produzidos nas redacções da *Finnish News Agency*. O objectivo era examinar as quatro operações linguísticas mais utilizadas pelos jornalistas: reorganização, omissão, adição e substituição. Yves Gambier encara essas operações como: “strategies when packing news in another language/culture” (2006: 42). De acordo com Gambier, existem múltiplos estágios entre descobrir um evento num país estrangeiro e a produção final da notícia impressa para o leitor. Em primeiro lugar, uma estratégia de *gatekeeping*, relacionada com a selecção de histórias e/ou detalhes dessas histórias com mais valor-notícia passam a um novo estágio. Esse estágio envolve o conceito de *Transediting*, proposto por Karen Stetting:

The best term to describe what happens inside the intricate machinery of news translation is transediting, provided by Karen Stetting (University of Copenhagen) in 1989, who considered it “a new term for coping with the grey area between editing and translating” (Stetting cited in Bielsa and Bassnett 2009:63). This concept resumes the efforts of translators to edit and incorporate cultural and situational variations inside their productions, transediting being widely used in film and TV translations, written journalism, TV interviews, company and institutional brochures and PR material. Transediting can be described in this context as a solution of compromise between two different, but closely intertwined fields of research, i.e. translation and journalism. Thus, from a journalistic perspective, news translation relates primarily to the processes of rewriting, reshaping and reorganising the sources texts for the target readers. (Comănesci 2011: 1)

Assim, em vez do termo tradução, vários autores consideram que o termo *transediting* será aquele que mais se adequa ao tipo de actividade subjacente à tradução do texto jornalístico porque, como explica Hautanen: “transediting is different from translation and editing; it is a combination of the two tasks” (2006: 109).

Van Doorslaer, apesar de afirmar que em muitas redacções as traduções não são feitas por tradutores mas pelos próprios jornalistas, refere que a tradução é uma parte integral do trabalho jornalístico uma vez que é um processo que pressupõe:

“combination of information gathering, translating, selecting, reinterpreting, contextualizing and editing” (2010: 2).

Segundo Hursti, em primeiro lugar, editar corresponde ao processo de produção de notícias que envolve a transformação da língua ou da estrutura da mensagem original através de operações como “deletion, addition, substitution and reorganization” (2001: 1). Em segundo lugar, traduzir corresponde ao processo de produção de notícias que envolve a tradução, da LP para a LC, das partes que se consideram ter mais valor-notícia no contexto da cultura de chegada. *Transediting* será, então, o termo composto utilizado para referir estes dois processos constantes e igualmente importantes na elaboração de notícias de uma língua para uma outra. Na opinião de Gambier (2006), o conceito de *transediting* pressupõe a tradução e a edição como uma só actividade, e envolve um processo de transformação linguística da estrutura da mensagem original através das estratégias propostas por Hursti (2001: 14-15), que são⁶:

- 1) Reorganização: prende-se com a reestruturação do texto de partida. Alguns detalhes da história são permutados;
- 2) Omissão: opera-se desde a omissão do parágrafo como um todo à exclusão de elementos lexicais;
- 3) Adição: utilizada quando há necessidade de clarificar, de tornar explícita a informação;
- 4) Substituição: a sua utilização envolve outras estratégias como a menor especificação de detalhes, mudança de foco, despersonalização, resumo.

De acordo com Bassnett e Bielsa (2009), tanto o método de edição como o de tradução implica tarefas como seleccionar, corrigir, verificar, complementar, desenvolver ou reduzir elementos e esse processo irá dar corpo à forma final do texto, apresentado como tal na rede informativa.

Devido a esta particularidade que envolve dois procedimentos como parte integrante do processo de tradução numa redacção, e uma vez que para Hautanen: “transediting looks like an extreme type of free translation” (2006: 109), o

⁶ Aspectos desenvolvidos na palestra “Translation Strategies” proferida por Yves Gambier, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 24 de Maio de 2013.

jornalista/tradutor como *gatekeeper* selecciona histórias ou detalhes dessas histórias que devem ser traduzidos, tendo liberdade para decidir o que é enfatizado e o que é omitido, o que deve ser traduzido ou não, consoante as necessidades do público de chegada.

Se este conceito for abordado considerando os dois elementos como entidades independentes, Hautanan (2006) refere que, por um lado, a tarefa do tradutor passa por solucionar problemas que se relacionem com a alteração, a omissão ou adição de informação, por outro lado, a tarefa do editor será clarificar, evidenciar e adaptar o texto às convenções. No entanto, o tradutor e o editor são duas entidades representadas pela mesma pessoa, pelo jornalista, quer dizer, pelo reescritor que através da tradução transforma o TP devendo mais fidelidade aos eventos narrados do que à sua estrutura e forma, e é por isso que a tradução do texto jornalístico ganha formas totalmente diferentes da tradução interlinguística.

Susan Bassnett acrescenta que existe uma norma essencial na tradução do texto jornalístico: “Acculturation is essential in news reporting” (2005: 126). Essa aculturação implica que o texto seja trazido para o sistema de chegada atendendo à lacuna de conhecimentos do novo público relativamente ao sistema de partida. A autora ainda acrescenta que as exigências desse público de chegada, os constrangimentos temporais, nomeadamente a falta de tempo para ler ou escrever notícias, e a natureza híbrida dos processos linguísticos envolvidos na produção de notícias em distintas línguas, aproximam esta actividade à interpretação, na qual as necessidades do público de chegada são a prioridade e a aculturação ganha o papel de estratégia dominante:

For what seems to happen to news stories comes much closer to what happens to texts that are transmitted orally, i.e. through interpreters. An interpreter, rendering a speech into another language, reshapes, alters emphases, adds and subtracts where necessary, seeks to maintain a suitable linguistic register, in short recreates a version for the target audience. News reporters appear to operate in the same way, with the emphasis on the destination of the story. (2005: 124)

Assim, de acordo com Bassnett, neste tipo de tradução ganham lugar diferentes práticas textuais, como por exemplo, o resumo, a paráfrase, a adição, a subtração, a reformulação de acordo com as convenções da cultura de chegada, e a

reescrita do material num determinado estilo: “In other words, what happens to news stories is that they undergo a series of textual transformations, all of which are underpinned by acculturation strategies” (2005: 124).

Apesar de existirem argumentos do campo literário contra as traduções aculturadas, no que concerne à tradução do texto jornalístico: “foreignization is detrimental to understanding” (Bassnett 2005: 126).

Conclusão

O presente estudo foi iniciado com o objectivo de analisar o processo de tradução do texto jornalístico no contexto português, uma vez que, no âmbito académico, ficou patente a escassez de investigação nesta área.

Para cumprir os objectivos propostos, a presente dissertação partiu de uma primeira parte, que incidiu sobre a análise crítica de bibliografia que aborda as várias definições de tradução em geral e de tradução do texto jornalístico em particular, bem como o papel da tradução no contexto de chegada. Desta abordagem teórica, podem tirar-se algumas conclusões.

Após a proposta de Holmes em 1972, a tradução surge como uma disciplina empírica que assiste ao despertar de ideias divergentes devido às contribuições de teóricos de outras disciplinas. Segundo Hurtado Albir (2001) dar uma definição exacta do conceito de tradução é uma tarefa difícil, mas o conceito implica três características fundamentais: uma operação textual, um acto comunicativo e uma actividade cognitiva.

Se definir o conceito de tradução não é uma tarefa fácil, definir tradução do texto jornalístico também não o é. Para Gambier (2006) a tradução do texto jornalístico é um tipo de actividade que recorre à reescrita e ao resumo para satisfazer as necessidades do novo público, e para Bani (2006) é um tipo de actividade que está sujeita a vários constrangimentos temporais e espaciais. Na mesma senda, Bassnett e Bielsa (2009) referem que o objectivo da tradução do texto jornalístico é proceder à transmissão rápida de informação verídica, dirigida a uma audiência de massas num determinado contexto geográfico, temporal e cultural.

Apesar da diversidade de abordagens que se foram desenvolvendo nos Estudos de Tradução, há um ponto comum: a importância do contexto de chegada para a prática da tradução. Se para Even-Zohar (1990) um texto não funciona somente como tal, mas funciona quando interligado com outros elementos integrantes do sistema, para Toury (1995) a tradução não só é tida como um facto da cultura de chegada como lhe provoca alterações. Lefevere (1992), à proposta de Toury (1995), acrescenta estruturas de poder como o mecenato, a poética e a ideologia que condicionam a produção das traduções no sistema de chegada, através das normas culturais e históricas desse sistema. De acordo com Baker (2009), o mecenato assume a função de

gatekeeper, uma vez que é visto como guardião da poética e da ideologia e, consequentemente das reescritas, patrocinando, desta forma, a produção cultural.

Conclui-se, assim, que é o contexto de chegada que determina o produto tradutório, uma vez que este é produzido com base num texto de partida que será adaptado ao sistema de chegada. Em suma, o processo de tradução está submetido a vários constrangimentos e o tradutor parte em busca de soluções para que o texto funcione no novo contexto.

Quando se aplica o modelo de Lefevere (1992) ao jornalismo, conclui-se que a intervenção do jornalista como tradutor e/ou reescritor ganha duas formas: em primeiro lugar, pressupõe o uso funcional da língua, uma vez que o jornalista é obrigado a utilizar vocabulário simples e frases curtas, que permitam uma rápida compreensão do texto; em segundo lugar, o conceito de fidelidade é remetido para os eventos narrados em detrimento do próprio texto de partida. Este modelo de Lefevere (1992) considera que a poética, influenciada pela ideologia dominante do novo sistema, é fundamental para a selecção de temas. Nesta senda, volta a sugerir o conceito de *gatekeeper*, desta vez no contexto do jornalismo, porque a produção de informação é gerada através de uma sucessão de escolhas. Essas escolhas estão espelhadas nos valores-notícia (Traquina 2000, 2002) que determinam a selecção e a produção de notícias. Ao lado dos valores-notícia encontram-se os padrões literários como a técnica da pirâmide invertida que é uma característica fundamental do discurso jornalístico em Portugal.

Tal como o tradutor, também o jornalista está sujeito às pressões do mecenato, uma vez que o seu comportamento é controlado pelo profissionalismo jornalístico, que é considerado como um mecanismo de controlo transorganizacional. Para além disso, as organizações adoptam políticas editoriais, que são tidas como um mecanismo de controlo intraorganizacional. No tocante à componente ideológica proposta por Lefevere (1992), o jornalista e/ou tradutor dá prioridade à ideologia da cultura de chegada e, não só depende dela como também a influencia. Por conseguinte, surge a teoria do *agenda-setting*, que determina a ordem do dia dos temas e a hierarquia de importância desses temas, o que pressupõe a dependência cognitiva da sociedade em relação aos meios de comunicação, que são os principais promotores da agenda do

público. A componente económica de Lefevere (1992) está associada à remuneração dos profissionais e ao número de vendas e, por último, a componente de *status* envolvido volta a remeter para a teoria do *gatekeeper*, que pressupõe que a principal fonte de expectativas dos jornalistas não é o público, mas os colegas de profissão.

O *corpus* seleccionado para este estudo englobou textos jornalísticos traduzidos, que segundo Bernardo (2013) ganham forma de artigo, notícia ou reportagem, publicados no suplemento semanal do *Diário de Notícias - Notícias Magazine*, publicação que ocupa o segundo lugar nas preferências do leitor. A análise ao *corpus* seleccionado englobou dez anos de publicações, de 2002 a 2012, e para analisá-lo optou-se por fazer uma divisão entre duas categorias de análise.

Da categoria de análise 1), que incide sobre a relação de revistas NM com notícias traduzidas *versus* revistas NM sem notícias traduzidas pode concluir-se:

1) Das 576 revistas analisadas, o número de revistas com notícias traduzidas (165), correspondente a 25% do total, é significativamente inferior ao número de revistas que não apresenta qualquer notícia traduzida (411), correspondente a 75% do total.

2) Ao longo dos anos assiste-se a um decréscimo do número de revistas que apresentam textos jornalísticos traduzidos, que pode ser explicado por várias razões: em primeiro lugar, esses textos são comprados a meios de comunicação estrangeiros e quando chegam a Portugal são adjudicados a agências de tradução ou a tradutores *freelancer*, levantando-se a hipótese de que a crise dos últimos anos possa contribuir para esse declínio; em segundo lugar, levanta-se a hipótese da semana noticiosa, que pressupõe que se uma semana é rica em acontecimentos locais, o jornal não precisa de encher as suas páginas com notícias compradas a outros meios de comunicação estrangeiros; em terceiro lugar, verificou-se um acréscimo de notícias que são elaboradas por jornalistas correspondentes, normalmente com conhecimentos linguísticos para além do Português-Europeu e que relatam esses factos além-fronteiras, descartando a necessidade de dispensar verbas para a compra de notícias numa língua estrangeira que carece do serviço pago de tradução.

Da categoria de análise 2), que para além de analisar os resultados do *corpus*, analisa um texto de partida e um texto de chegada, retiram-se as seguintes conclusões:

1) Ainda que a tradução esteja presente amiúde e que ganhe um papel importante, ou até fundamental, na transmissão de informação, nem sempre, o papel da tradução é considerado. Esta realidade está espelhada nos resultados obtidos pela análise do *corpus* que demonstram que em dez anos, o trabalho do tradutor foi reconhecido uma única vez (1%), a revista assinalou graficamente a tradução que fez quatro vezes (6%) e na sua maioria, a tradução não foi assinalada graficamente (93%). Através destes números, é possível depreender que, por um lado, o *Diário de Notícias* dá mais importância às traduções levadas a cabo pelos jornalistas residentes do que ao trabalho dos tradutores que trabalham externamente a esta organização; por outro lado, o *Diário de Notícias* dá mais importância ao trabalho levado a cabo pelo jornalista estrangeiro, autor do texto, do que, mais uma vez, ao trabalho do tradutor.

2) Na mesma senda, pode afirmar-se que a tradução do texto jornalístico, com as características acima descritas, contribui em larga medida para a invisibilidade do tradutor, uma vez que o seu trabalho é raramente assinalado graficamente e muitas das vezes o texto é considerado, aos olhos do leitor, como um texto original, redigido por um jornalista. Assim, é desta forma que desde logo se assiste a uma manipulação, uma vez que o leitor é induzido a pensar que não está perante uma tradução. Assume-se que o leitor apenas verá aquele texto como tradução se estiver atento ao nome do jornalista e for pesquisar para saber em que língua é que ele escreve e para que meio de comunicação trabalha;

3) Em oposição a autores como Bassnett e Bielsa (2009) conclui-se que existe tradução interlinguística (Jakobson 1959) na tradução do texto jornalístico no contexto português, a ser corroborada pela análise da tradução de um dos textos do *corpus* com o texto de partida.

Se a análise do *corpus* permitiu retirar as conclusões supra descritas, a experiência da autora deste trabalho na redacção do *Diário de Notícias* permitiu afirmar que existem duas vertentes da tradução do texto jornalístico no contexto português. Por um lado, verifica-se a existência de tradução interlinguística (Jakobson 1959) e, por outro lado, a actividade diária levada a cabo pelos jornalistas, que implica tarefas associadas à tradução, corrobora por seu turno a questão de Bassnett e Bielsa (2009), se poderá ou não ser considerada como uma tradução propriamente dita.

Segundo vários autores, é o conceito de *transediting* proposto por Karen Stetting que melhor caracteriza a tradução do texto jornalístico. Para Comănesci (2011), o conceito de *transediting* resume os esforços que os jornalistas/tradutores fazem para editar e incorporar as variações situacionais e culturais do novo contexto para o qual traduzem. De um ponto de vista jornalístico, a tradução remete essencialmente para um processo de reescrita e de reorganização dos textos de partida para serem moldados consoante as expectativas do leitor de chegada. Além disso, Hautanen (2006) considera que o conceito de *transediting* remete para um tipo extremo de tradução livre, pois os textos jornalísticos são traduzidos com uma quantidade considerável de edições para satisfazer as necessidades desse novo leitor.

De facto, a experiência em redacção serviu para perceber que o jornalista trabalha diariamente com textos provenientes de diferentes línguas. Com efeito, o jornalista em primeiro lugar procede a uma selecção e síntese, em segundo lugar estabelece uma hierarquia de importância dos factos a narrar, através da qual o texto será adaptado às necessidades do novo público e, em terceiro lugar, muda o ângulo da informação se o novo contexto informativo assim o exigir. Essa mudança de ângulo revela que diferentes versões de notícias internacionais podem funcionar em diversos contextos locais.

Fica, assim, por comprovar se o caso do *Diário de Notícias* se aplica a outras redacções no contexto português e espera-se que, em estudos posteriores, possam vir a ser respondidas questões como: Será que a tradução ocupa uma posição fundamental no contexto do jornalismo? Será que os jornalistas estão conscientes da importância da tradução para o seu trabalho? Qual será a posição que o texto de

partida ocupa? Quais as estratégias de tradução que se aplicam na tradução do texto jornalístico no contexto português?

Conclui-se com esta análise que, para o universo analisado, a tradução do texto jornalístico em Portugal pode ganhar a forma de reescrita de um ou de vários textos de partida. Espera-se, também, que este estudo possa servir de base a novas pesquisas que se prenam com outras problemáticas que estejam subjacentes ao tipo de tradução adequado ao texto jornalístico como, por exemplo: a tradução do texto jornalístico aproximada à interpretação; a tradução do texto jornalístico e as teorias de equivalência da tradução; a tradução, a manipulação e o jornalismo; a posição do leitor perante os textos jornalísticos traduzidos.

Referências bibliográficas

Aksoy, Berrin (2001) "Translation as Rewriting. The Concept and Its Implications on the Emergence of a National Literature", *Translation Journal*, vol.5, n.3, consultado em 2 Fev. de 2013.

Atkins, Sue, Jeremy Clear and Nicholas Osler (1992) "Corpus Design Criteria", *Literary and Linguistic Computing* 7 (1), 1 - 16.

Baker, Mona (1992) *In Other Words: A Coursebook on Translation*, London & New York: Routledge.

----- (1998) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London and New York: Routledge.

----- and Gabriela Saldanha (2009) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, New York: Routledge.

Bani, Sara (2006) "An Analysis of Press Translation Process". *Translation in Global News. Proceedings of the conference held at the University of Warwick*. Ed. Kyle Conway and Susan Bassnett. Coventry: Centre for Translation and Comparative Cultural Studies: University of Warwick, 35 - 45.

Bassnett, Susan (1980) *Translation Studies*. London and New York: Routledge.

----- (2005) "Bringing the News Back Home: Strategies of Acculturation and Foreignization". *Language and Intercultural Communication* 5(2), 120 - 130.

----- and Conway, Kyle, eds, (2006) *Translation in Global News. Proceedings of the conference held at the University of Warwick*. Coventry: Centre for Translation and Comparative Cultural Studies: University of Warwick.

----- and Bielsa, Esperança (2009) *Translation in Global News*. London and New York: Routledge.

----- and Schäffner, Cristina (2010) *Political Discourse, Media and Translation*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.

Bernardo, Ana (2009) *A Tradutologia Contemporânea. Tendências e Perspectivas no Espaço de Língua Alemã*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

----- (2013) “Tipo, Género e Espécie de Texto – Para uma Classificação Textual Relevante para a Tradução”. *Estudos Linguísticos*, Revista do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa sobre Gramática e Texto, Lisboa: Colibri, nº8, 73 - 89.

Blackledge, Adrian (2005) *Discourse and Power in a Multilingual World*, Amsterdam: John Benjamins.

Bovée, Warren (1999) *Discovering Journalism*, Greenwood Press: London.

Bromley, Michael and O'Malley, Tom, eds. (1997) *A Journalism Reader*, London & New York: Routledge, 50 - 57.

Catford, J. C. (1965) *A Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistic*, Londres: Oxford University Press.

Chesterman, Andrew (1997) *Memes Of Translation. The Spread of Ideas in Translation Theory*, Amsterdam: John Benjamins.

Comănesci, Cătălina-Felicia (2011) “News Translation as Rewriting with a Skopos”, *The Annals of Valahia University of Târgoviste, Letters Section*, vol. IX, Valahia University Press, 77 - 82.

Controlinveste.pt. <http://www.controlinveste.pt/storage/ng2327325.pdf>, consultado em 15 de Julho de 2013.

Conway, Kyle (2010) “News Translation and Cultural Resistance”. *Journal of International and Intercultural Communication* 3, 187 - 205.

Cook, Christopher (2003) *Helping the journalist to translate for the reader*. In *Crossing Barriers and Bridging Cultures*, ed. Arturo Tosi, Clevedon and Buffalo: Multilingual Matters, 99 - 103.

Deslile, Jean (1980) *L'Analyse du discours comme method de traduction*, Cahiers de Traductologie 2, Éditions de l'Université d'Ottawa.

Dijk, Teun (1988) *News as Discourse*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Ducate, Aiga (2009) "Translation, Manipulation and Interpreting". [Publikationen des Fachbereichs Translations, Sprach- und Kulturwissenschaft der Johannes Gutenberg-Universität Mainz in Gernersheim](#), Vol.53, 43 - 48.

Even-Zohar, Itamar (1990) *Polysystem Studies*, Special Issue of *Poetics Today*, Vol.11, n1, Duke University Press, 9 - 85.

Gambier, Yves (2006) "Transformations in International News", *Translation in Global News. Proceedings of the conference held at the University of Warwick*, Ed. Kyle Conway and Susan Bassnett, University of Warwick, 9 - 21.

Gambier, Yves (2013) "Translation Strategies", ECT, FLUL, Palestra.

Garcia, Luiz (1992) *Manual de Redação e Estilo*, Editora Globo S.A., N.p.

Gaspar, Ana (2009) "*Thus much I thought proper to tell you*" – *O perfil textual e paratextual do público-alvo em tradução*, Dissertação de Mestrado submetida à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Gradim, Anabela N.d. *Manual de Jornalismo*. Universidade da Beira Interior, Covilhã.

Hatim, Basil and Mason, Ian (1990) *Discourse and the Translator*, London: Longman.

Hautanen, Suvi (2006) "The Work Process of a Correspondent: A Case Study in Translation Sociology", *Translation in Global News. Proceedings of the conference held at the University of Warwick*. Ed. Kyle Conway and Susan Bassnett, University of Warwick: 105 - 111.

Hermans, Theo (1991) "Translational Norms and Correct Translations" in K. M. Van Leuven and T. Naaijken, eds., *Translation Studies. The State of the Art*, Amsterdam: Rodopi.

Hewson, Lance and Martin, Jacky (1991) *Redefining Translation. The Variational Approach*, London: Routledge.

Hicks, Wynford, Adams, Sally and Gilbert, Harriet (1999) *Writing for Journalists*, London & New York: Routledge.

Holmes, James (1972) "The Name and Nature of Translation Studies", *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*, Amsterdam: Rodopi, 67 - 80.

House, Juliane (1977) *A Model for Translation Quality Assessment*, Tübingen: Gunter Narr.

Hursti, Kristian (2001) "An Insider's View on Transformation and Transfer in International News Communication: An English-Finnish Perspective". *The Electronic Journal of the Department of English at the University of Helsinki*, vol.1, consultado em 7 de Fevereiro de 2013.

Hurtado Albir, Amparo (2001) *Traducción y Traductología. Introducción a la Traductología*. Cátedra: Madrid.

Inaba, Tomoko (2009) "Is Translation a Rewriting of an Original Text?" www.translationdirectory.com. N.p., consultado em 19 de Março de 2013.

Jakobson, Roman (1959) "On Linguistic Aspects of Translation". *The Translation Studies Reader*. Ed. Lawrence Venuti. Routledge: London and New York, 2004, 113 - 118.

Laviosa, Sara (2006) *Corpus-Based Translation Studies: Theory, Findings, Applications*, Amsterdam & New York: Rodopi.

Lefevere, André (1992) *Translation, Rewriting and The Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge.

Lima, Conceição (2010) *Manual de Teoria da Tradução*, Lisboa: Edições Colibri.

Marktest.com. "Diários de informação geral com mais audiência". <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~194e.aspx>, consultado em 15 de Julho de 2013.

Martins, Marcia (2010) "As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução" *Caderno de Letras (UFRJ)* n.27, consultado em 21 de Março de 2013.

Mazutti, Sandra (2011) "Marcas Culturais em Interface: Os Caminhos de Aproximação entre Tradução e Jornalismo", Dissertação de mestrado submetida à Universidade Federal de Santa Catarina.

Munday, Jeremy (2001) *Introducing Translation Studies. Theories and Applications*, Londres: Routledge.

Nida, Eugene (1964) *Toward a Science of Translating*. Netherlands: E.J. Brill.

----- and Taber, Charles (1969) *The Theory and Practice of Translation*, Leiden: E.J. Brill.

Nord, Christiane (1991) *Text Analysis in Translation*. Trad. Christiane Nord and Penelope Sparrow, Amsterdam & Atlanta GA: Rodopi.

----- (1997) *Translating as a purposeful activity. Functionalist Approach Explained*. Manchester: St. Jerome.

Polchlopek, Silvana (2005) "A Interface Tradução-Jornalismo. Um Estudo dos Condicionantes Culturais nas Revistas Veja e Time", Dissertação de Mestrado submetida à Universidade Federal de Santa Catarina.

Polchlopek, Silvana and Zipser, Elisabeth (2009) "A Interface Tradução-Jornalismo: Uma Nova Experiência em Tradução", *Eletras*, vol.18, consultado em 9 de Fevereiro 2013.

Reiss, Katherina and Vermeer, Hans (1996) *Fundamentos para una teoría funcional de la traducción*, Trad. Sandra Reina e Celia de León, Madrid: Akal.

Seleskovitch, Danica and Lederer, Marianne (1984) *Interpréter pour traduire*, Paris: Didier Érudition.

Santos, Diana (2012) "Tradução Jornalística em Portugal: Contexto Atual e Perspectivas de Futuro", Dissertação de Mestrado submetida à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Shaw, Eugene. (N.d.) "Agenda Setting and Mass Communication Theory", *Gazette, International Journal for Mass Communication Studies*, Vol. XXV, nº2: 96 – 105, consultado em 11 de Abril de 2013.

Snell Hornby, Mary (1988) *Translation Studies. An Integrated Approach*, Amsterdam: John Benjamins.

Soloski, John (1993) "O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico", *Jornalismo: Questões, Teorias e «estórias»*, Org. Nelson Traquina. Lisboa: Vega, 91 - 99.

Steiner, George (1975) *After Babel: Aspects of Language and Translation*, USA: Oxford University Press.

Thesundaytimes.co.uk,
<http://www.simplystreep.com/content/magazines/201112sundaytimesculture.html>, consultado em 28 de Julho de 2013.

Traquina, Nelson (2000) *O Poder do Jornalismo: Análise e Textos da Teoria do Agendamento*. Coimbra: Minerva.

----- *Jornalismo* (2002) Lisboa: Quimera.

----- *A tribo Jornalística. Uma Comunidade Transacional* (2004), Lisboa: Editorial Notícias.

Toury, Gideon (1980) *In Search of a Theory of Translation*, The Porter Institute for Poetics and Semiotics: Tel Aviv University.

----- (1995) *Descriptive Translation Studies and Beyond*, Amsterdam: John Benjamin.

Valdez, Susana (2009) "O Autor Anónimo. A Invisibilidade do Tradutor no Contexto Português", Tese de Mestrado submetida à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Vandepitte, Sonia (2008) "Remapping Translation Studies: Towards a Translation Studies Ontology", *Les Presses de l'Université de Montréal, Translators' Journal*, vol.53, n3, 569 – 588, consultado em 12 de Fevereiro de 2013.

Van Doorslaer, Luc (2010) "Journalism and Translation". *Handbook of Translation Studies*. Ed. Yves Gambier and L. Van Doorslaer, Amsterdam: John Benjamins, 180 - 184.

Van Doorslaer, Luc (2013) "Tradução e Jornalismo", ETC, FLUL, Palestra.

Venuti, Lawrence (1998) *The Scandals of Translation. Towards an Ethics of Difference*, London & New York: Routledge.

----- (1995) *The Translator's invisibility*, London and New York: Routledge.

Vinay, Jean and Dalbarnet, Jean (1958) *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais*, Paris: Didier.

Wolf, Mauro (1992) *Teorias da Comunicação*, Lisboa: Editorial Presença.

Zipser, Elisabeth (2002) "Do Fato à Reportagem: As Diferenças de Enfoque e a Tradução como Representação Cultural", Tese de Doutorado submetida à Universidade de São Paulo.

Anexo A

Sistematização efectuada sobre o valores-notícia: a) de selecção e b) de construção, baseada in Traquina (2000, 2002):

- a) Nelson Traquina divide os valores-notícia de selecção em dois subgrupos que são eles: a) os critérios substantivos que são relativos à avaliação do acontecimento em termos de relevância e conveniência como notícia; b) os critérios contextuais que se referem ao contexto onde a notícia é produzida.

Nos critérios substantivos, o autor distingue nove valores-notícia de selecção que são:

- 1) A morte, valor notícia fundamental que explica o negativismo da realidade jornalística apresentado ao público diariamente; 2) A notoriedade, o nome e a posição do agente principal têm valor como notícia; 3) A proximidade, especialmente em limites geográficos mas também culturais; 4) A relevância, que responde à preocupação de informar o público acerca de acontecimentos importantes e que têm “impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação” (2004: 109); 5) A novidade, o que há de novo é uma questão central para os jornalistas; “o mundo jornalístico interessa-se muito pela primeira vez” (2002: 189, 2004: 109); 6) O tempo, que ganha várias formas de noticiabilidade. Em primeiro lugar, é valor notícia como forma de actualidade; em segundo lugar, pode servir de “cabide” (2002: 189, 2004: 110) para outro acontecimento relacionado com esse assunto, justificando a noticiabilidade desse novo assunto; 7) A notabilidade, quer dizer, o ser visível e reconhecível para a sociedade; distinguem-se diversos registos de notabilidade e a quantidade de pessoas envolvidas é um deles, assim como a inversão, ou seja, o contrário do que se espera, a falha, como é exemplo os acidentes noticiados todos os dias; 8) O inesperado, aquilo que supera a expectativa da comunidade jornalística e do próprio leitor; 9) O conflito ou controvérsia,

quer dizer, “a violência física ou simbólica como uma disputa verbal entre líderes políticos” (2002: 192, 2004: 112).

Nos critérios contextuais, Traquina distingue cinco valores-notícia de selecção, que são eles:

- 1) A disponibilidade, que se prende com a facilidade com que se faz a cobertura do acontecimento; 2) O equilíbrio, que tem a ver com a quantidade de notícias que já foram publicadas relativamente a um dado acontecimento; 3) A visualidade, que pressupõe a existência de bom material visual, como por exemplo, fotografias; 4) A concorrência, todos os jornais querem dar a notícia em primeira mão; 5) O dia noticioso, nem todos os dias são ricos em acontecimentos.
- b) O autor procede também a uma listagem de valores-notícia de construção, que se prendem com a selecção de elementos intrínsecos ao acontecimento e que devem ser incluídos na notícia. São eles:
- 1) A simplificação, ou seja, escrever de forma simples de forma reduzir a ambiguidade e a natureza polissémica do acontecimento; 2) A amplificação, significa que quanto mais amplificado o acto, o interveniente ou as consequências do acto, mais probabilidade terá de vir a ser noticiado; 3) A relevância; o jornalista demonstra ao público o quanto a notícia é importante para ele; 4) A personalização, valorizar os intervenientes, acentuando o elemento pessoa; trata-se de uma estratégia, pois o jornalista sabe que as pessoas se preocupam com as pessoas; 5) A dramatização, o jornalista acentua os aspectos mais críticos, o lado emocional e a natureza conflitual; 6) A consonância, implica que a notícia deve ser interpretada num contexto conhecido, correspondendo, assim, às expectativas do leitor.

Fonte: Obras de Nelson Traquina: *Jornalismo* (2002) e *A Tribo Jornalística, Uma Comunidade Transnacional* (2004).

Anexo B

Análise anual dos dados constituintes do *corpus* NTR-NM

Legenda:

T – Número de Traduções em cada revista *Notícias Magazine*

N – Não tem assinatura do tradutor assinalada graficamente

S – Tem assinatura do tradutor assinalada graficamente

NM – Tradução assinada pela revista *Notícias Magazine*

DATA	T1	T2	T3	T4	T5	Total
06-01-2002	N					1
24-02-2002	N					1
03-03-2002	N					1
12-05-2002	N					1
02-06-2002	N	N	N			3
23-06-2002	N					1
28-07-2002	N					1
11-08-2002	N					1
25-08-2002	N					1
22-09-2002	N					1
29-09-2002	N					1
06-10-2002	N					1
20-10-2002	N	N	N	N	N	5
03-11-2002	N					1
15-12-2002	N					1
Total	15	2	2	1	1	21

Tabela 6 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2002

DATA	T1	T2	T3	T4	T5	T6	Total
12-01-2003	N						1
02-03-2003	N						1

08-06-2003	N	N					2
22-06-2003	N	N					2
28-09-2003	N						1
19-10-2003	N	N	N	N	N	N	6
02-11-2003	N	N					2
09-11-2003	N	N					2
16-11-2003	N						1
23-11-2003	N	N					2
28-12-2003	N						1
Total	11	6	1	1	1	1	21

Tabela 7 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2003

DATA	T1	T2	Total
04-01-2004	N		1
18-01-2004	N		1
01-02-2004	N		1
22-02-2004	N		1
29-02-2004	N		1
21-03-2004	N	N	1
28-03-2004	N		1
04-04-2004	N		1
11-04-2004	N		1
09-05-2004	N		1
16-05-2004	N		1

23-05-2004	N		1
20-06-2004	N		1
27-06-2004	N		1
11-07-2004	N	N	2
08-08-2004	N		1
19-09-2004	N		1
26-09-2004	N		1
10-10-2004	N	N	2
24-10-2004	N		1
31-10-2004	N	N	2
07-11-2004	N		1
05-12-2004	N		1
12-12-2004	N		1
19-12-2004	N		1
Total	25	4	29

Tabela 8 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2004

DATA	T1	T2	Total
16-01-2005	N		1
13-02-2005	N		1
03-04-2005	N	N	2
08-05-2005	N		1
31-07-2005	S	N	2
14-08-2005	N	N	2
02-10-2005	N		1
20-11-2005	N		1
27-11-2005	N	N	2
Total	9	4	13

Tabela 9 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2005

DATA	T1	T2	Total
01-01-2006	N	N	2
08-01-2006	N		1
22-01-2006	N	N	2
29-01-2006	N		1
05-02-2006	N		1
19-02-2006	N	N	2
26-02-2006	N		1
26-03-2006	N		1
20-04-2006	N		1
07-05-2006	N		1
14-05-2006	N		1
04-06-2006	N		1
11-06-2006	N		1
25-06-2006	N		1
09-07-2006	N		1
16-07-2006	N		1
23-07-2006	N		1
06-08-2006	N		1
26-08-2006	N		1
03-09-2006	N		1
24-09-2006	N		1
01-10-2006	N	N	2
08-10-2006	N		1

22-10-2006	N		1
29-10-2006	N		1
05-11-2006	N		1
03-12-2006	N		1
17-12-2006	N		1
Total	28	4	32

Tabela 10 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2006

DATA	T1	T2	Total
07-01-2007	N	N	2
04-02-2007	N		1
11-02-2007	N		1
04-03-2007	N	N	2
11-03-2007	N		1
18-03-2007	N		1
15-04-2007	N		1
29-04-2007	N	N	2
13-05-2007	N		1
20-05-2007	N		1
03-06-2007	N	N	2

17-06-2007	N		1
26-08-2007	N		1
30-09-2007	N	N	2
07-10-2007	N		1
28-10-2007	N		1
25-11-2007	N		1
02-12-2007	N		1
09-12-2007	NM		1
Total	19	5	24

Tabela 11 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2007

Data	T1	Total
06-01-2008	NM	1
20-01-2008	N	1
24-02-2008	N	1

15-06-2008	N	1
31-08-2008	N	1
12-10-2008	N	1
19-10-2008	N	1
09-11-2008	N	1
Total	8	8

Tabela 12 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2008

Data	T1	Total
11-01-2009	N	1
18-01-2009	N	1
08-02-2009	NM	1
22-02-2009	NM	1
Total	4	4

Tabela 13 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2009

Data	T1	Total
17-10-2010	N	1
Total	1	1

Tabela 14 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2010

Data	T1	Total
02-01-2011	N	1
12-06-2011	N	1
03-07-2011	N	1
10-07-2011	N	1
31-07-2011	N	1
23-10-2011	N	1
11-12-2011	N	1
25-12-2011	N	1
Total	8	8

Tabela 15 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2011

Data	T1	Total
05-02-2012	N	1
08-04-2012	N	1
04-11-2012	N	1
11-11-2012	N	1
Total	4	4

Tabela 16 - Análise de notícias traduzidas com assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas sem assinatura do tradutor vs. notícias traduzidas assinadas pela revista NM em 2012

Anexo C

DOSSIER BOMBA
ATOMICA
60 ANOS DEPOIS

6 de
Agosto
de 1945

TEXTO E FOTOGRAFIA **Chris Steele-Perkins** (Magnum/Fototeca) — TRADUÇÃO **Salomão Kolneit**

O dia que mudou o mundo

36 » **noticias** magazine 31 JUL 2005



As oito da manhã o dia já estava quente, e sobre Hiroxima o céu era límpido e sem nuvens. As sereias dos raids aéreos tinham-se finalmente calado e toda a gente estava já no trabalho ou a caminho dele. Kawamoto Kanesaki, de 12 anos, e o seu professor aceleraram o passo no caminho ao longo do rio, porque já estavam atrasados para a escola. Passavam 15 minutos das oito horas, quando ouviram o barulho de aviões. Kawamoto olhou irresistivelmente para cima e viu um avião largar um objecto branco com um pára-queidas. Não sabia que assistia ao momento mais trágico da História: o bombardeiro americano B29 *Enola Gay* acabava de lançar a *Little Boy*, a primeira bomba atómica a ser usada contra alvos humanos e a segunda alguma vez detonada.

Little Boy, nome sinistro para uma bomba que ia matar milhares de pessoas, rebentou a 580 metros de altitude, mesmo por cima do Hospital Shima, com uma força correspondente a 15 mil toneladas de TNT. Uma bola de fogo com uma temperatura de vários milhões de graus centígrados no momento da detonação, registando sete mil graus centígrados passados 0,3 segundos, e lançando raios térmicos que iriam queimar carne humana a uma distância de 3,5 quilómetros. Quinze por cento de energia foi libertada como radiação, seguida imediatamente por uma explosão de ar vindo da atmosfera superaquecida que viajou à velocidade de 28 metros por segundo mesmo a três quilómetros do hipocentro, arrasando praticamente tudo o que encontrou à frente.

Três dias depois outro bombardeiro B29 americano iria circundar três vezes a sua cidade-alvo, Kokura, sem conseguirem encontrar uma aberta nas nuvens que lhe permitisse fazer um lançamento certo, mudando por isso para o segundo alvo, Nagasaki.

O Dr. Tatsuihiro Akizuki estava a meio de uma cirurgia a um pneumotórax e, ao ouvir mais altos e mais fortes os motores do avião, tirou a agulha e gritou: «Atenção, abriguem-se», enquanto se atirava para debaixo da mesa de operações. Senji Yamaguchi, um estudante mobilizado e enviado para as fábricas de armas da Mitsubishi, tinha recebido naquele dia ordens para escavar trincheiras para protecção dos contra-ataques aéreos dos EUA. A terra chegava-lhe à cintura, quando parou para limpar o suor da cara e olhar para cima, de onde vinha o barulho dos motores do bombardeiro *Kermit Behan*, que ao sobrevoar o distrito Urakami, uma área predominantemente cristã que incluía a Catedral Urakami, considerada a mais notável



Hiroxima *Little Boy*, nome sinistro para uma bomba que ia matar milhares de pessoas, rebentou a 580 metros de altitude, com uma força correspondente a 15 mil toneladas de TNT.

do Extremo Oriente, largou a sua única bomba. Uma bomba atómica de plutónio chamada *Fatman*, à conta da sua forma oval. «*Bomb away. Bomb away*», gritou o piloto. O avião balançou após a perda das 4,5 toneladas de bomba, desviou-se para a esquerda e afastou-se.

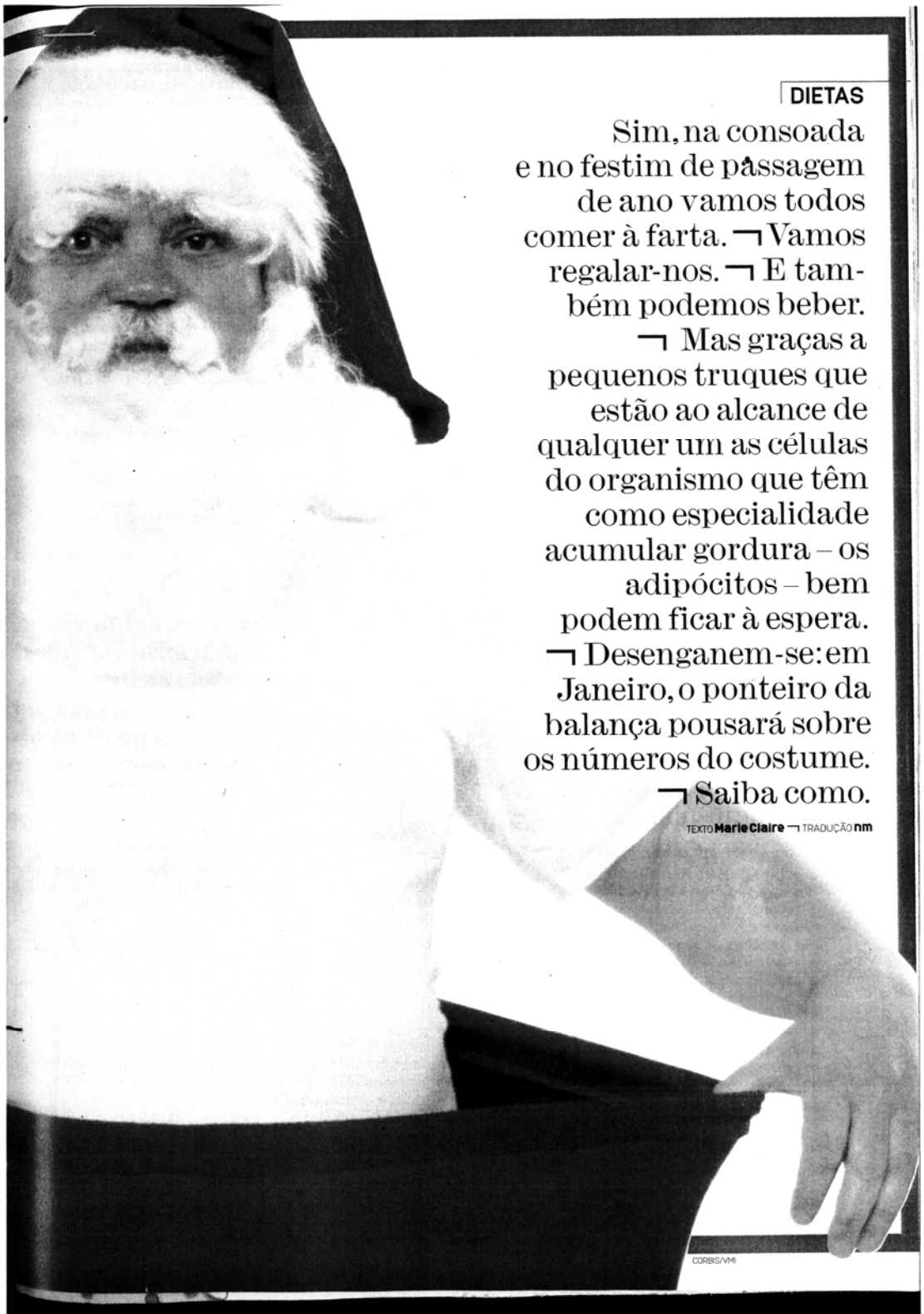
Quarenta segundos depois, às 11h02 da manhã, após o seu pára-queidas ter sido desviado do alvo cerca de três quilómetros, uma explosão equivalente a 21 mil toneladas de TNT rasgou os céus por cima da famosa igreja. Senji Yamaguchi ficou inconsciente e, quando voltou a si, o seu corpo estava horrivelmente queimado e o seu mundo era um amálgama de cadáveres, entulho e fogo.

140 mil mortes por radiação

Depois do bombardeamento de Hiroxima, o general Leslie R. Groves, encarregue do projecto de criação da bomba atómica, te-

lefonou a Robert Oppenheimer, o seu director científico, para lhe dar pormenores sobre o bombardeamento. Quando questionado sobre como tudo se passara, Groves respondeu: «Aparentemente passou-se com um tremendo *bang*.» Para acrescentar logo a seguir: «Toda a gente está a sentir-se razoavelmente bem com tudo isto e desde já deixe que lhe dê os meus sentidos parabéns.»

Nos locais das explosões, as mortes multiplicavam-se, para atingirem, seis meses depois, 140 mil pessoas só em Hiroxima, 60 mil das quais por contaminação radioactiva. Nagasaki somava 75 mil mortos, mas a verdade é que nunca conheceremos os números exactos, até porque os dados existentes não incluem, por exemplo, as dezenas de milhares de coreanos usados para trabalho escravo nas fábricas japonesas. O que sabemos, e temos a mais absoluta das certezas, é que foi um assassinio em massa. «



DIETAS

Sim, na consoada e no festim de passagem de ano vamos todos comer à farta. — Vamos regalar-nos. — E também podemos beber.

— Mas graças a pequenos truques que estão ao alcance de qualquer um as células do organismo que têm como especialidade acumular gordura — os adipócitos — bem podem ficar à espera. — Desenganem-se: em Janeiro, o ponteiro da balança pousará sobre os números do costume. — Saiba como.

TEXTO **Marie Claire** — TRADUÇÃO nm

CORBIS/VM

PRATICAR A ALTERNÂNCIA

EVITE...	Kcal	OPTE POR...	Kcal
1 bolo de chocolate	278	1 croissant	180
1 fatia de brioche	164	1 fatia de pão de centeio	35
<i>Petits fours</i> salgados	60 a 320 por unidade	Pedaços de <i>sushi</i>	45 a 59 por unidade
1 pequena tarte de queijo	137	1 rolinho de atum ou salmão	24
Azeitonas pretas	290 por 100 gramas	Azeitonas verdes	120 por 100 gramas
6 caracoleiras	234	4 coxas de rã	68
1 fatia de <i>foie gras</i>	180	6 ostras	60
1 posta de salmão fresco	200	1 de solha	83
1 capão ou galo castrado	258 por 100 gramas	Peru ou veado	110 por 100 gramas
1 trufa de chocolate	125	1 brigadeiro	50
porção de tortilha	220	2 bolas de gelado	120
Queijo beaufort	160	Queijo de cabra fresco *	32

* Quanto mais curado for um queijo, menos água contém, pelo que é mais calórico.

Poções
Volúpia *light* é possível. O principal é não ceder à associação álcool/sumos de fruta ou mesmo soda, duplo sinal verde à libertação de insulina.



06 » noticiasmagazine 09 DEZ 2007

Acumulação de mandatos...

Vitamina C e cafeína. Se a consumirmos simples, a vitamina C diminui o apetite, mas quando as suas moléculas se ligam às dos nutrientes ingeridos nas refeições também acelera o metabolismo de base (as calorias queimadas em repouso) e as secreções digestivas. Em comprimidos (de 500 a 1000 miligramas) ou no prato: comer uma laranja é o mesmo que ingerir 79,5 miligramas de vitamina C; meia toranja ou um kiwi equivalem a 56 mg. Para «dopar» ainda mais o metabolismo-base, ofereça-se também um café expresso. Optimizar esta linha supersônica entre oito e 11 por cento requer uma cafeteira à mão todas as duas horas.

Arma fatal para as gorduras

Os «antigorduras» – sobretudo fibras combinadas com *chitosan* (uma forma de acetilado da quitina, uma componente natural das carapaças das ostras) – são obrigatórios, ou os papos de gordura não deixassem qualquer um deprimido. Com propriedades químico-elétricas, o *chitosan* age sobre as paredes do intestino e diminui as reais capacidades de absorção das gorduras ingeridas através da alimentação. Dois ganhos: os lípidos não se alojam na anca e são eliminados de forma natural. Sugerimos que engula um comprimido (informe-se na farmácia ou num estabelecimento que venda suplementos alimentares) antes da primeira garfada e outro durante a refeição, sobretudo se aquela for generosa. Em versão *eco-neo-hippie*: tome uma colher de farelo de aveia antes do repasto (não recomendado para quem tem intestinos frágeis). Obtem um duplo efeito: caça lípidos e acelera o trânsito intestinal.

«Poções» para brindar

Volúpia *light*, sim, ela existe. Uma flûte de champagne bruto vale 70 calorias, a mesma flûte de champagne doce contém 120. O vinho tinto é mais generoso do que o branco (87 calorias contra 105, por copo). No organismo, o álcool bruto, pouco açucarado, não se converte em gordura; uma boa parte é mesmo queimada pelas células.

O principal é nunca ceder à malfiteira associação álcool/sumos de fruta ou mesmo soda, incluindo a *light*. Fazê-lo significa abrir um duplo sinal verde à libertação de insulina e à conversão dos açúcares em lípidos, ou seja, ao armazenamento em massa de adipócitos (células que armazenam gordura e, imagine-se, aumentam de volume). Se preferir álcool forte, opte por um gole de *whisky*, *vodka*, *gi* (entre 94 e 177 calorias) *on the rocks* cortado com água gaseificada. Inimigos declarados porque encobrem o açúcar são todos os licores, vinhos doces e cerveja.

Três zeros, a partida está ganha

Zero de pão branco tostado. O aumento da temperatura altera a estrutura do amido do fermento que se transforma rapidamente em glicídios. Resultado: o açúcar tem via aberta para entrar no sangue.

Zero de sumo de fruta, incluindo o empacotado. É zero de compotas ao pequeno-almoço. A transformação da polpa da fruta aumenta a glicemia. Aposte nos crus, coma peças de fruta inteira. Para todos: zero de fruta e zero de pão após a ingestão de amidos ou a factura da glicemia torna-se colossal.

Zero de tomate-cereja e de cenoura cozinhada. Pouco calóricos, mas com um aporte de açúcar que ultrapassa em muito o do tomate vulgar e o da cenoura crua. Comê-los sem mais nada comporta o perigo de despertar o pâncreas, o «fabricante» da insulina.

Associação de benfeitores

Manter o equilíbrio sódio-potássio nas paredes celulares é um garante de segurança contra a retenção de líquidos, indispensável na «relação amorosa» entre a nossa gastronomia e o sal (de facto, a ordem é para afastar as águas com sódio, a maioria das gaseificadas – ver rótulo). Juntamos então às gorduras as fibras que reduzem a sua absorção: *foie gras*, desde que acompanhado por espargos, figos frescos ou alperces secos; peru ou caça, com *morilles* ou outra espécie de cogumelos e, a acompanhar, salada verde. Para sobremesa, queijo, com uvas ou figos frescos sem pão.

Água na boca

Gelado é o mesmo que queimar sessenta calorias por dia. Tantas quantas as de que o organismo necessita para manter a temperatura corporal.

A escolha de Meryl

Que ela era uma atriz extraordinária já todos sabíamos. Mas é aos 62 anos, mostrando a sagacidade aguçada de Thatcher e a sua tristeza quando os anos a vão esbatendo, que Meryl Streep se supera. O embate de duas mulheres maduras com quem vale a pena aprender.

TEXTO DE NEV PIERCE
/ THE SUNDAY TIMES

Meryl Streep viu Margaret Thatcher em carne e osso, pela primeira vez, há uma década. Atriz, duas vezes vencedora do Óscar, tinha ido levar a filha mais velha à Universidade Northwestern, no Illinois, Estados Unidos. «Estava a descarregar o carro, a pôr as cortinas e outras coisas do género» e viu um cartaz a anunciar que a antiga primeira-ministra britânica iria estar no campus, a dar uma palestra. «Disse: "Mamie, vamos lá, vamos assistir!"», conta a atriz com alegria ao recordar o momento. Mãe e filha conseguiram lugares de última hora e assistiram à palestra. «Depois, o presidente da universidade disse que a senhora Thatcher iria responder a perguntas durante precisamente meia hora. Ela continuou por uma hora e meia sem nunca se cansar. Acho que foi criando interesse em prolongar a conversa. Falou com frases verdadeiramente convincentes, muito bem construídas. Muito, muito impressionante. Apesar de politicamente não estarmos de todo de acordo, ela foi fascinante. Aquela inteligência galvanizante fazendo valer a sua opinião, nunca perdendo de vista a pergunta, dando sempre as voltas necessárias até chegar à conclusão que queria.»

A própria Streep não é muito diferente. Esta entrevista decorre em Londres, onde ela está por pouco tempo, veio num voo noturno para uma visita que durará um piscar de olhos. Não há dúvida de que está cansada: os olhos pestanejam por detrás dos óculos pequenos, mas entusiasma-se a sério quando um tema lhe interessa. Usa um colar cintilante por cima de um top com um padrão discreto e umas calças pretas sobre umas botas elegantes, é a imagem do bom gosto educado e despretenso. Isso reflete-se até na bebida que pede: um chá corrente. (Teve de se contentar com a bebida mais seleta disponível neste hotel de gama alta do Soho.) A imprensa não é algo que qualquer ator, lá no fundo, realmente aprecie, mas Streep mostra curiosidade, um riso generoso e é uma entrevistada tão experiente como seria de esperar depois de anos a promover os seus filmes, numa carreira caracterizada pela determinação, energia e longevidade.

MERYL RECEBEU A SUA PRIMEIRA NOMEAÇÃO PARA UM ÓSCAR HÁ 33 ANOS, COM O CAÇADOR. E CONSEGUIU A DÉCIMA SÉTIMA COM A DAMA DE FERRO. A 26 DE FEVEREIRO, DEVE LEVAR PARA CASA AQUELE QUE É APENAS O SEU TERCEIRO ÓSCAR.



O Globo de Ouro que já ganhou com A Dama de Ferro.





A estrela de Meryl em frente ao número 7020 de Hollywood Boulevard. A atriz ganhou-a em Setembro de 1998.

Meryl Streep recebeu a sua primeira nomeação para um Óscar há 33 anos, com *O Caçador*. E conseguiu a sua décima sétima com *A Dama de Ferro*. A 26 de fevereiro, tem uma hipótese forte de levar para casa o seu terceiro Óscar (ganhou anteriormente o de atriz secundária com *Kramer contra Kramer* e o maior de todos com *A Escolha de Sofia*). Com *A Dama de Ferro* já ganhou o prémio de melhor atriz do Círculo de Críticos de Nova Iorque e o Globo de Ouro. O biógrafo oficial de Thatcher, Charles Moore, já escreveu sobre o seu desempenho – Meryl faz de Thatcher – que é «incrivelmente brilhante» e que consegue personificar a primeira-ministra britânica sem jamais sucumbir ao mero mimetismo. Streep, diz ele, «captura completamente cada maneirismo e truque de discurso: um leve movimento do lábio inferior depois de falar, o sorriso que pode gelar de repente, a mistura de uma muito verdadeira cortesia para com as pessoas em geral e uma demolidora indelicadeza para com colegas mais velhos». A única coisa que, na sua opinião, ela não acerta é o andar, que não é suficientemente acelerado.

Streep já recebeu todos os elogios que uma atriz pode esperar, mas este desempenho surpreendente sugere que, aos 62 anos, ela não tem qualquer intenção de abrandar. «Tenho mesmo uma grande quantidade de energia», confirma. «Mas comparada com esta mulher não tenho nenhuma.» Hoje em dia, a conquista inicial de Thatcher é porventura subestimada. Tornou-se mais um ícone do que uma pessoa, uma figura que atrai tanto amor como repulsa. Mas o filme capta habilmente as suas tentativas, primeiro como Margaret Roberts, depois como Margaret Thatcher para conseguir a eleição para o parlamento e depois para se afirmar lá dentro.

«Era um clube de homens» é a apreciação prosaica que Meryl Streep faz da Câmara dos Comuns. «Havia mulheres, mas penso que eram 16 ou 17 entre 630 membros do parlamento. Eu própria fui para uma faculdade de homens na década de 1970, era uma das sessenta mulheres e havia seis mil homens naquele *campus*. Era Dartmouth nos dias de *A República dos Cucos*...» Faz uma pausa para verificar que a referência à estridente comédia sobre a universidade atravessou o Atlântico. «Era mesmo aquilo. Nós fomos as primeiras, as cobaías, enquanto aquelas escolas nos Estados Unidos decidiam se avançavam para uma educação mista ou não. Foi um momento verdadeiramente interessante. O mundo estava a mudar. Conseguia sentir-se a velha ordem a desmoronar-se. Havia muitas pessoas que não queriam



Meryl descerrando o cartaz, na antestreia, em Londres. Houve quem fosse contra a sua exibição antes da morte da ex-primeira ministra que está muito debilitada. À direita, em 1980, com 30 anos.

realmente que mudasse, não nos queriam mesmo lá. Sentíamos isso. Uma raiva incandescente que não se manifestava, apenas emanava. Tenho a certeza de que a Thatcher experimentou isso. Tenho a certeza de que ela o viveu.» A classe social era outro elemento da luta. Meryl Streep diz: «É difícil quantificar qual o preconceito que mais a manteve afastada do círculo íntimo. Mas ela ter conseguido atingir o que atingiu naquele tempo foi incrível. Incrível. E ficar lá. E manter-se lá. Ser o primeiro-ministro que mais tempo esteve no poder durante o século xx. Surpreendente.»

O poder para ficar, permanecer, não é algo que falte a Meryl Streep, tanto que talvez ela seja, às vezes, tomada como garantida. Tem havido uma certa implacabilidade para com o seu brilho. E, durante anos, a ideia de assistir aos filmes dela tinha um pouco o sabor de estar a fazer os trabalhos de casa. Limitávamo-nos a presumir que seriam sobre algo desafiador e difícil: o Holocausto (A Escolha de Sofia), o trauma de perder um filho (Um Grito no Escuro) ou a doença terminal (Podia-te Acontecer).

Ela tentou baralhar as coisas anteriormente de uma forma talvez flagrante na «comédia» A Morte Fica-Vos Tão Bem. Mas é na última década que temos visto Meryl Streep ser bem-sucedida a confundir as expectativas. Foi hilariante na comédia pós-moderna

sobre a escrita de argumentos cinematográficos, *Inadaptado*, brincalhona e sexy no papel de uma escritora desorientada pela sua paixão por um ladrão de orquídeas. Depois, o musical dos Abba *Mamma Mia!* provou ser a maior surpresa e o maior sucesso comercial da sua carreira, arrecadando 610 milhões de dólares de receitas de bilheteira em todo o mundo. Este filme mostrou a um vasto público um inimaginável lado mais leve de Meryl Streep, o qual foi novamente explorado na encantadora comédia sobre o divórcio *É Complicado*. Streep demonstrou aquilo de que muita gente já suspeitava há imenso tempo: que existe um público de cinema para além dos rapazes de 16 anos que querem ver coisas a explodir. «São os financiadores a restringirem cada vez mais o público que visam. Tem de ser um videogame. "Se puder ser transformado num jogo, podemos realmente fazer dinheiro!" Foi nisto que a coisa se tornou.» Ela parece cansada, como se aqueles que pagam o cinema que se faz tivessem realmente obrigação de saber mais do que isto antes de apontarem qual o futuro. «Mas com a atomização do negócio e com a maneira como as pessoas assumem que estas coisas serão entregues a pedido, imediatamente [através da internet e da televisão] irão descobrir que existe um público à espera, sequioso, ao qual desde há muitos anos não tem sido servido aquilo que quer.»



CORBIS

35

ANOS DE BOM CINEMA

Os filmes de Meryl



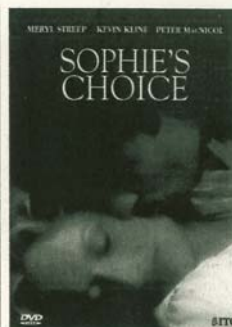
Júlia, 1977, F. Zinnemann
Marcou a estreia de Meryl no grande ecrã, no secundaríssimo papel de Anne Marie, amiga de Lilian Hellman, a protagonista, interpretada por Jane Fonda.

O Caçador, 1978, Michael Cimino
Filme de culto sobre a guerra do Vietname, marcou a ascensão de Streep com a nomeação para o Óscar e o Globo de Ouro de Melhor Atriz Secundária, no papel de Linda, amada por Michael (Robert de Niro) e Nick (Christopher Walken).

Kramer vs. Kramer, 1979, Robert Benton
No centro da disputa que comoveu o mundo inteiro, interpretando a mãe que «abandona» o filho e depois volta para reclamar a sua custódia, arrecadou os seus dois primeiros prémios: o Óscar e Globo de Ouro de Melhor Atriz Secundária.

A Sedução de Joe Tynan, 1979, Jerry Schatzberg

Manhattan, 1979, Woody Allen



A Amante do Tenente Francês 1981, Karel Reisz
A primeira nomeação para a categoria maior dos Óscares, graças à dupla interpretação como Sarah e Anna, nesta grande história de amor. Não ganhou o Óscar, mas levou para casa o segundo Globo de Ouro.

A Escolha de Sofia, 1982, Alan J. Pakula
Talvez o mais marcante filme da carreira, em que encarna Sofia Zawistowski, a polaca obrigada, num campo de concentração nazi, a uma escolha impossível: qual o filho que livrará da morte. Sofia escolheu e Streep ganhou o Óscar de Melhor Atriz.

Still of the Night (Na Calada da Noite), 1982, Robert Benton

Silkwood (Reação em Cadeia), 1983, Mike Nichols
Inspirada em factos reais, a história de vida de Karen Silkwood, uma operária que ousou desafiar a indústria nuclear. Teve duas nomeações para Melhor Atriz (nos Óscares e Globos de Ouro).

43 NOTÍCIAS MAGAZINE

Anexo F

THE IRON WILL OF FILM'S FIRST LADY

Meryl Streep knows a thing or two about being an outsider and making it in a man's world. For her riveting portrayal of Margaret Thatcher, she will definately be up for a third Oscar, says Nev Pierce.

Meryl Streep first saw Margaret Thatcher in the flesh a decade ago. The two-time Oscar-winner was taking her eldest daughter to university at Northwestern, in Evanston, Illinois - "Unloading the car, putting up the curtains and stuff" - and saw a poster advertising an on-campus speech from the former British prime minister. "I said, Mamie, come on, let's go!" she says with freshly remembered glee. The pair scored last-minute seats and watched the lecture. "Then the university president said Mrs Thatcher would take questions for one half-hour precisely. She carried on for an hour and a half - she never tired. She sort of gained, if anything, interest in going on. Speaking in really cogent, beautifully wrought paragraphs. Very, very impressive. Even though the politics were not anything we agree dwith, she was impressive. Just that galvanising intelligence - making her point, never losing track of the question, always circling around to the point that she wanted to make." This is not unlike Streep herself. She's in London briefly, having come in "on the red-eye" for a blink-and-miss-it visit. She's tired, no doubt: her eyes squint occasionally through narrow glasses, but flare with enthusiasm when she warms to a subject. Spangly necklace over lightly patterned top, black trousers over neat boots, she's a picture of polite, unpretentious good taste. It's reflected in her tripple: prior to the interview, a publicist tried room service, seeking some PG tips for her. (She had to settle for the fancier brew available in this upmarket Soho hotel.) Press is not something any actor really, deep down, appears to enjoy, but Streep shows curiosity and a generous laugh, and is as expert an interviewee as you'd expect after years of pushing her pictures in a career characterised by determination, energy and longevity.

She received her first Oscar nomination 33 years ago, for *The Deer Hunter*. On January 23, she will without doubt snare her 17th, for *The Iron Lady*. Then, on February 26, she has a strong chance of taking home her third Oscar. (She previously won best supporting actress for *Kramer vs. Kramer*, and the big one for *Sophie's Choice*.) The New York Critics Circle best actress award for 2011 is already hers, for *The Iron Lady* - it will be the first of many. Thatcher's official biographer, Charles Moore, has already written of her performance that it is "uncannily brilliant", and manages to get Mrs Thatcher without ever succumbing to mere mimicry. Streep, he says, "captures virtually every mannerism and trick of speech: a light movement of the lower lip after speaking, the smile that can suddenly frost over, the mixture of very genuine courtesy to people in general and shattering rudeness to senior colleagues". The only thing, in his view, she doesn't get right is the walk - not enough of a scuttle. Streep already has every accolade an actress could hope for, but this astonishing performance suggests that, at 62, she has no intention of slowing down. "I do have a lot of energy," she confirms, "but I have nothing compared to this woman."

Nowadays, Thatcher's initial achievement is perhaps underestimated in an age when she has become an icon, a figure who attracts both love and revulsion, rather than a person. But the film ably captures her attempts - first as Margaret Roberts, then as Mrs Thatcher - to achieve election to parliament and to establish herself there. (The British actress Alexandra Roach plays the young Thatcher superbly.)

"It was a men's club" is Streep's matter-of-fact assessment of the Commons. "There were women there, but I think it was 16 or 17 out of 630. I went to a men's college back in the 1970s - I was one of 60 women, and there were 6,000 men on this campus. This was Dartmouth - in the days of Animal House..." She pauses to check that the reference to National Lampoon's raucous college comedy has crossed Atlantic with her. "That was it. We were the first, the canaries in the mines, while these schools in the United States were deciding whether to go co-ed or not. It was a really interesting time. The world was changing. You could feel the old order breaking down. There were many people who really didn't want it to change, really didn't want us there. You could feel it. White-hot rage that didn't speak - just emanated. I'm sure she experienced that. I'm sure she experienced it." Class was another element of fight, Streep says: "It's hard to quantify which prejudice kept her out of the inner circle more. But for her to achieve that at that time was incredible. Incredible. And to stay there. And stay there. To be the longest-serving prime minister of the 20th century. Amazing". Staying power is not something Streep lacks, of course - so much so that she is perhaps at times taken for granted. There has been a certain relentlessness to her brilliance, which it is easy to resent. And for years, whether they were arrived at through her taste or were what was on offer, the thought of watching her films felt a little like doing homework. You just assumed they would be about something challenging and difficult: the Holocaust (*Sophie's Choice*), the trauma of losing a child (*A Cry in the Dark*) or terminal disease (*One True Thing*.) She has tried to mix it up before - perhaps most egregiously in 1992's surgery "comedy", *Death Becomes Her* - but it is the past decade that has seen Streep really succeed in confounding expectations. She was hilarious in the postmodern screenwriting comedy *Adaptation*, both playful and sexy as a writer bewildered by her infatuation with an orchid thief. Then the Abba musical *Mamma Mia!* proved the biggest surprise - and commercial success - of her career, waltzing away with \$610m (£389m) at the worldwide box office. It showed a broad audience and unimagined lighter side to Streep, which was exploited again in the charming divorce romcom *It's Complicated*. She has shown what many have long suspected: that there is a cinema audience out there beyond 16-year-old boys who want to see things blow up. "It's the financiers," she says. "Narrowing, narrowing who they aim at. It just has to be a (video) game. It can morph into a game, we can really make our money! That's where it has devolved to." She sounds weary, as if they really, really should know better, before pointing to the future. "But with the atomisation of the business and how people assume these things will be delivered, immediately, on demand (through the internet and television), then they'll find out there's an audience lying in wait, parched, that hasn't been served what it wants for years and years."

The undervaluing of women, whether in the audience or on the screen, has become a long-standing complaint against Hollywood. It has changed a bit in the past few decades, Streep feels, with more female studio executives being appointed. "But they're essentially playing football. They have to learn how to play football. It's not necessarily that they're playing a woman's game. That's what's so cool about this project. It was generated by Phyllida [Lloyd, the director] and Abi [Morgan, the screenwriter], edited by Justine [Wright]. We all collaborated. It was really an unusual thing. Oh and Cameron McCracken [managing director of the film's distributor Pathé]. An honorary girl! I can say that. He'll like that." She giggles, then returns to her point. "But this was extremely unusual. It's rare that those voices dominate. I don't know why, but it is." Streep became involved in the project early, after Pathé had had a meeting with her *Mamma Mia!* director, Lloyd. "Someone suggested Meryl, and I went a bit blank," Lloyd says on the phone. "It was like a clash of the titans in my head. I felt taking on a piece about Margaret Thatcher was one thing to get my head around. The second was whether bringing in an outsider to play her was the right thing to do. Then I realised that you need a superstar to play Thatcher. And, as we began to shoot, the thing that struck me, why, if it works, it really works, is that Meryl is an outsider, just Thatcher was. And Thatcher had to work hard to overcome. To the cabinet she inherited from Ted Heath, she was a nightmare from which they thought they would wake up. She had to work so hard to become leader - she had to change her voice and change her hair and her whole presentation of herself. She had to evolve. I think, in that way, Margaret Thatcher had to work as hard as Meryl did to become that person."

For Streep, the transformation involved her usual process of intense preparation - and outright panic. "I'm all over the place," she says, flapping her hands. "Calling my husband [the artist Don Gummer], saying, Why did I ever say I could do this? I can't do this! And he says, 'You always say that. Always. I say, I do not, this is the first time. I just have to immerse myself in the messy way I do it. It's a sort of focused chaos, is how I'd put my process. She listened preatently to recording of Thatcher, "Listening, listening, listening - rather than watching. I don't hear anything that isn't her." And she read everything she could: the three-volume diaries of Thatcher's confidant Woodrow Wyatt and biographies by Hugo Young and John Campbell (two hernia-inducing volumes). But then it comes down to rehearsal, to the set, to the moment. "In the end, you just have to throw all the words away," she says. "Just live and live. Walk up the stairs and walk down the stairs. The time that I know I have it is when I know I've surprised them with something. Whether it was true or not, Jim gave me that, Jim Broadbent."

She is pleased at the memory. Broadbent plays Denis Thatcher, and it is on the relationship between the two of them that the film pivots. Baroness Thatcher is in her London home, considering clearing out the cupboards of her late husband's things (he died in 2003), when he appears to her in a hallucination, triggering a journey into her memories of youth, ambition and the quest for power. While some people will inevitably view (and review) the film through their own political prism, what is remarkable is how any political agenda disappears, making it really about the point of view of one woman wondering if she made a difference - and desperately missing the man she loved. And Streep is extraordinary, slipping in and out of memory and the moment, showing Thatcher's sharp wit and her sadness as the years blunt it. It is a performance that transfixes you, in the strict, dictionary definition ("To make or hold motionless with amazement, awe, terror").

It was a role that Streep found difficult to shake off. "With something like *It's Complicated*, I really left it at the set," she says. "But this I carried with me more, because it was more personal." She sits forward on the sofa, stretches up, runs her fingers through her hair - shaking out the tiredness of the memories. "Just standing that way for a long time was wearing. And the banked energy of playing someone whose energy had ebbed, it had an effect. It did have an effect. It reminded me so much of my mother and my grandmother. It's emotional to go into these places." It's emotional to watch them, too. The most significant achievement of *The Iron Lady* is that it gets you past the politics to see the person - the tension between power and the personal, between calling and family. It's something Streep, like many of us, is familiar with. "Everybody has their things with their children, and each child is different," she says, reflecting on her four children (from a marriage now in its 34th year). "Even though you have the same rules for everybody, everybody takes it a different way. Stuff happens. Things come up. Life is much layered and challenging." This is true even if you are the most powerful woman in the country - or the best actress in the world. Streep concluded: "What I loved about the way Abi constructed this is that it starts as being about Margaret Thatcher - but it ends up being about you."

The Iron Lady is released on January 6.

© 2011 Sunday Times Culture. No copyright infringement intended.